

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
ESCOLA DA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO BLEY - S. GABRIEL DA PALHA

Arquivo

MEPES
MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL
DO ESPÍRITO SANTO
FONE 4 - ANCHIETA - E. SANTO

O PLANO DE ESTUDO

DOIS ANOS DE EXPERIÊNCIA NA E.F.A. DO BLEY

Bruno Daniel

M. E. P. E. S.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL DO ESPÍRITO SANTO
ESCOLA DA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO BLEY - S.GABRIEL DA PALHA

MEPES
MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PROMOCIONAL
DO ESPÍRITO SANTO
FONE 4 - ANCHIETA - E. SANTO

O PLANO DE ESTUDO

Dois anos de experiência na EFA do Bley

Bruno Daniel

ANCHIETA - ESPÍRITO SANTO

"Ao povo nada se ensina,
mas a ele se devolve
explicado e purificado
o que do povo se recebeu"

"O povo tem
uma espécie de sexto sentido
pelo qual reconhece
se as coisas que recebeu dos outros
são suas ou não"

"O povo pode não conhecer o que é seu
mas sabe reconhecer o que é seu"

(Carlos Mesters) *

INTRODUÇÃO

O trabalho que segue não é nenhuma dissertação sobre o PLANO DE ESTUDO (PE). Também não é um relatório de uma experiência-modelo. Trata-se apenas do relatório de uma tentativa de aplicação do PE durante os anos de 1975/76 na EFA do Bley.

Pediram-me de relatá-la. Aceitei o convite não por achar a experiência completa e plenamente satisfatória, e sim porque, a meu ver, já dava sinais de estar funcionando e de poder funcionar ainda melhor, abrindo assim boas perspectivas para o trabalho nas EFAs.

A menos que todo o nosso trabalho de PE destes dois anos, na EFA do Bley, não se coloque completamente fora das linhas metodológicas das Escolas-Famílias, isto é, a menos que alguém não nos diga e prove que o nosso trabalho pode ser tudo o que quisermos, menos trabalho de PE, o que se quer através deste relatório, é mostrar que é possível trabalhar nas EFAs aplicando a tão chamada metodologia característica das mesmas, isto é: PE e ALTERNÂNCIA.

Para mim, os anos de 1975/76, que passei na EFA do Bley, trabalhando com o PE, foram dois anos de buscas não sempre fáceis e de tentativas não sempre felizes, com a colaboração mais ou menos forte de todos os colegas que integraram a equipe. Tenho a esperança de termos, pelo menos, acertado o caminho. Serão precisos ainda muitos anos de trabalho para progredir neste caminho, para corrigir as falhas e conseguir resultados mais satisfatórios, isto é, para que o PE se torne efetivamente INSTRUMENTO DE ANÁLISE e EXPRESSÃO da realidade e MOTIVAÇÃO das AULAS.

Para a elaboração deste relatório, aproveitei:

- * As minhas anotações particulares feitas durante estes dois anos;
- * As anotações sobre as etapas do PE na escola do Bley, que apresentei à turma de monitores estagiários em 1975;
- * A síntese dos resultados conseguidos com alguns PEs, que apresentei aos pais dos alunos em agosto de 1976;
- * As sínteses das colocações em comum que elaboramos juntos, a Osete e eu, a partir de julho de 1976;
- * Enfin, as cópias dos questionários de todos os PEs que estão arquivados na escola.

Espero que este relatório possa servir para manter viva no MEPES a problemática da metodologia das EFAs, que possa provocar algumas boas discussões e, porque não, também algumas polémicas. Numa palavra, espero que possa ser útil a alguém.

EFA do Bley - São Gabriel da Palha
Fevereiro de 1977

Bruno Daniel

1. O PLANO DE ESTUDO na BEA do BLEY (Notícias)

Comecei a trabalhar na BEA do Bley em julho de 1974. Desde o início me interessei pelo PE que já vinha sendo aplicado, com resultados não sempre satisfatórios e uma aceitação discutível por parte dos alunos. A guicixa principal deles era que o PE se reduzia a um mero exercício de redação, sem aproveitamento nas outras aulas.

Em 1975 intensifiquei o meu interesse pelo PE. O objetivo nosso, isto é, de todos os monitores da equipe, era o de dar continuidade ao trabalho dos anos anteriores, procurando uma saída para as dificuldades surgidas. No início do ano, então, começamos a motivar as três turmas de alunos para o trabalho de PE. Com a turma do 3º ano tivemos que desistir depois de duas semanas, devido à não-aceitação do PE por parte de alguns alunos.

Com as outras duas turmas conseguimos chegar até o fim do ano. Os resultados melhores foram conseguidos com a turma do 2º ano. Já na 7ª sessão daquele ano anotava na minha pasta o seguinte: "Os últimos PEs estão mostrando claramente um crescimento da turma do 2º ano. Os alunos chegam à escola com redações mais completas e ricas (maior volume e melhor qualidade das informações) e mais organizadas (melhor expressão escrita e melhor ordem e classificação das informações). Além disso, nota-se uma maior participação dos mesmos na colocação em comum e um maior interesse nas aulas."

Durante o ano todo, eu fui anotando, por minha conta e utilidade, numa pasta particular, tudo o que íamos fazendo com o PE, isto é:

- * O assunto e a motivação da escolha do mesmo;
- * A metodologia empregada e o tempo gasto em cada etapa do PE;
- * Os principais problemas e resultados de cada etapa;
- * Um pequeno resumo das colocações em comum.

Estas anotações foram um instrumento meu, particular, de trabalho, que me permitiu uma avaliação constante das técnicas empregadas e dos resultados e progressos conseguidos.

Em 1976 continuamos o trabalho na mesma linha, já com um pouquinho mais de segurança na escolha dos assuntos e na elaboração dos questionários. As novidades deste ano foram as seguintes:

- * O 3º ano, pela primeira vez, aceitou de continuar o trabalho de PE. E, de fato, continuou até que nós tivemos assuntos a propor. Para nós, também, não foi fácil achar estes assuntos. O esforço que fizemos, nos permitiu elaborar no fim do ano uma lista de PEs para as três turmas. (cf. Planejamento de 1977)
- * Lá pro meio do ano pensamos de entregar aos alunos uma síntese mimeografada das colocações em comum. (cf. capítulo sobre Sínteses)
- * Em ocasião de um encontro de pais, experimentamos apresentar-lhes alguns resultados conseguidos com os PEs, a fim de que eles ficassem sabendo o que a escola faz com os PEs.

Os resultados de 1976 foram bastante animadores. A aceitação do PE por parte dos alunos foi de discreta para boa, ótima em alguns casos, ruim em poucos outros casos.

Nestes dois anos fizemos o possível para evitar que o PE se reduzisse a uma redação de português, de competência do monitor de Comunicação e Expressão. Acho que conseguimos evitar este perigo, mesmo se nunca conseguimos combinar direito os PEs com o Currículo, por vários motivos que não adianta aqui discutir. A experiência porém de 1975/76 nos permitiu, no início deste ano 1977, tentar um planejamento ajustando PE e Currículo. Trata-se de uma primeira tentativa. Só a experiência poderá indicar o que precisa ser mudado, ou só melhorado, no PE e no Currículo.

2. AS ETAPAS DO PLANO DE ESTUDO

2.1 NA ESCOLA

2.1.1 TRABALHO PREPARATÓRIO POR PARTE DOS MONITORES

- * Escolha do assunto, isto é, da realidade a ser refletida pelos alunos, com a família.
É feita pelos monitores tendo presente:
 - a realidade local
 - o currículo
 - a capacidade dos alunos
 - a experiência dos monitores
 - os PEs anteriores
- * Focalização do assunto, isto é, escolha dos aspectos do assunto a serem refletidos.
Se concretiza na formulação da motivação e de alguns itens que serão depois apresentados aos alunos.

OBS. Todo este trabalho é feito antes da sexta feira. O assunto, às vezes, é escolhido na reunião da equipe da 2ª feira, depois de concluída a colocação em comum do PE anterior.

2.1.2 TRABALHO PREPARATÓRIO COM OS ALUNOS

- * Apresentação e motivação do assunto
- * Colocação no quadro de alguns itens
Este trabalho é feito por um monitor. Os outros monitores disponíveis estão presentes e ajudam.
- * Preparação das perguntas por parte dos alunos:
 - Trabalho individual: esforço pessoal de reflexão sobre o assunto proposto que se traduz em sensibilização sobre o mesmo.
 - Trabalho em grupinhos: elaboração de uma lista de perguntas com eliminação das perguntas iguais. Para chegar a isso cada aluno discute com os outros as perguntas por ele preparadas e o sentido das mesmas.
 - Colocação em comum das perguntas de cada grupinho com observações críticas dos outros alunos e dos monitores presentes. As observações vertem sobre a clareza da formulação e a atinência das perguntas com o assunto proposto.

- OBS. - O trabalho é feito numa aula de 2 hs. na sexta feira.
- A dinâmica acima é a que deu resultados melhores. Os alunos mostraram de aprender uma dinâmica de trabalho de grupo e uma metodologia de preparação do PE. Outras dinâmicas foram empregadas com resultados mais ou menos satisfatórios. O melhor, porém, é variar a dinâmica de vez em quando, para evitar a monotonia e o enjoo dos alunos.
 - O trabalho preparatório com os alunos pode parecer, às vezes, uma perda de tempo e o monitor pode ser tentado de dispensá-lo. Ao contrário, é o momento em que os alunos interiorizam o assunto proposto, começam a se motivar para a pesquisa e esclarecem as dúvidas. Além de ser um esforço de reflexão e de criatividade não indiferente e os resultados se vêem. Já temos alunos que, bem orientados na hora da apresentação e motivação do assunto do PE, sabem preparar uma lista de perguntas clara e corretamente formuladas e numa ordem sequencial bastante satisfatória.

2.1.3 REVISÃO DAS PERGUNTAS E ELABORAÇÃO DEFINITIVA DO QUESTIONÁRIO por parte dos monitores

- * Os monitores selecionam as perguntas elaboradas pelos alunos, tiram algumas, acrescentam outras, modificam a formulação de outras, etc.... Neste trabalho presta-se particular atenção à maneira dos alunos se expressarem, às palavras por eles usadas. Isso ajuda a evitar a formulação de perguntas de difícil interpretação. De algumas perguntas, às vezes, salva-se somente uma ou outra palavra, que são palavras-chave na formulação de perguntas, palavras que o monitor sozinho muitas vezes procura e não encontra.
 - * O questionário é elaborado seguindo a metodologia típica das Escolas-Famílias:
 - . Fato concreto e Análise do fato concreto
 - . Comparação e Análise da comparação
 - . Reflexão e Idéia geralEsta metodologia, porém, não é ainda possuída com suficiente segurança, motivo por que algumas vezes o momento de análise ganha sobre o momento de comparação e reflexão, ou viceversa. Às vezes sai bem a análise, outras vezes sai bem a comparação, e assim por diante.
- Entre as dificuldades que surgem nesta etapa, destacamos as seguintes:
- . Às vezes somos tentados de sintetizar a análise em duas ou três perguntas gerais demais que não favorecem uma análise detalhada, isto é, não ajudam a analisar o fato de pontos de vista diferentes.
 - . Outras vezes não sabemos o que comparar e com que comparar.
- * Elaboração do chapeu introdutivo: o chapeu quer motivar e estimular a pesquisa e a reflexão sobre o assunto. É principalmente dirigido aos pais, mas serve para os alunos também. O chapeu focaliza o assunto a ser refletido e o relaciona com fatos e problemas da realidade local. O esforço é de redigi-lo numa linguagem simples e popular. Toda de linguagem didática de quem quer ensinar algo, explicando e interpretando fatos e acontecimentos.
- No questionário outros breves capus são introduzidos, segundo as necessidades, para evitar passagens secas de uma pergun-

2.1.4 ENTREGA DO PE

- * Entrega de uma cópia mimeografada do PE com leitura e explicação detalhada de cada pergunta
- * Na ocasião, aproveita-se para lembrar aos alunos uma ou outra norma de execução do trabalho a ser feito em casa sobre o PE

OBS. Este trabalho é feito no sábado de manhã, antes da saída dos alunos e ocupa mais ou menos uma meia hora.

2.2 EM CASA

As indicações que damos aos alunos são as seguintes:

- * Mostrar aos pais o questionário do PE para que eles tomem conhecimento do assunto a ser refletido durante a alternância.
- * Aproveitar todas as ocasiões, durante a alternância, para conversar com os pais (e/ou outras pessoas) a respeito do assunto
- * Reservar alguns momentos livres do dia para botar por escrito, num rascunho, as informações colhidas através dessas conversas
- * No fim da alternância reservar-se um tempo para a elaboração definitiva da redação.

OBS. Insistimos que não é necessário, e tão menos obrigatório, fazer uma verdadeira entrevista aos pais, tomando logo nota de tudo que eles falam. Se os pais aceitarem de fazer isso, tá bom. Mas, muitas vezes os pais não têm a paciência e nem o tempo de ficar respondendo a um questionário, nem tão pouco de ficar esperando que o filho escreva as respostas. Aos pais cabe só a obrigação de aceitar e favorecer a conversa sobre o assunto do PE, conversa que pode prolongar-se durante a alternância toda. Cabe ao aluno saber escolher os momentos mais oportunos para uma tal conversa. A redação escrita, depois, é sempre obrigação do aluno e não do pai. É o aluno que tem que bolar e caprichar sua redação, e pode ser até bom que ele trabalhe sozinho. Se o pai souber ou puder ajudar, nada em contrário.

2.3 A VOLTA NA ESCOLA

2.3.1 CORREÇÃO INDIVIDUAL, muito rápida, logo na segunda feira de manhã. Participam todos os monitores disponíveis. Esta primeira correção visa facilitar a colocação em comum, corrigindo os erros principais de linguagem e ajudando aos alunos a completar as respostas incompletas ou ausentes.

2.3.2 COLOCAÇÃO EM COMUM (ocupa a primeira e, às vezes, a segunda aula da tarde de segunda feira).

É feita por pontos, e é seguida por discussão e colocação no quadro de alguns resultados, de sínteses parciais e de interrogações surgidas.

É coordenada por um monitor. Os outros monitores participam.

A dificuldade principal que enfrentamos na hora da colocação em comum é a de conseguir sempre um debate bastante vivo e animado. Algumas vezes chegamos a isso, outras vezes a coisa não em comum saiu um pouco pesada. Para evitar este perigo a nossa preocupação sempre foi a de descobrir e valorizar o que de bom os alunos trazem em suas redações. Às vezes o bom é pouco, outras vezes este pouco está perdido no meio de redações escritas num português bem ruim. Mas, juntando o pouco de cada um, chegávamos

a ter informações suficientes para animar um bom debate, e, ao mesmo tempo, animar os alunos que viam seu trabalho aproveitado e valorizado. Mas isso nem sempre foi suficiente. Urgem técnicas novas, diferentes, ou, melhor, urgem pessoas capacitadas para coordenar e animar debates.

- 2.3.3 REDAÇÃO DEFINITIVA DO PE: é responsabilidade do monitor de Comunicação e Expressão, que para isso usa tempo e técnicas adequadas.
- 2.3.4 SÍNTESE DA COLOCAÇÃO EM COMUM: é elaborada por dois monitores na segunda ou terça feira à noite, mimeografada e entregue aos alunos, logo que estiver pronta, durante um serão. Cada aluno lê pessoalmente a síntese, depois é feita uma leitura a voz alta acompanhada de alguns breves comentários. (cf. capítulo sobre Sínteses)
- 2.3.5 UTILIZAÇÃO NAS AULAS: Os resultados da colocação em comum deveriam sempre ser analisados pela equipe em conjunto. Esta análise se concretizaria numa busca de interrogações que deveriam ter um bom peso no planejamento das aulas da semana. Infelizmente este é um ponto falho. E o PE, muitas vezes, acaba numa boa discussão na segunda feira. Contudo, mesmo com este limite, acho que o PE é útil, porque estimula os alunos a refletirem sobre sua realidade e a encará-la criticamente, isto é, como uma realidade que ao mesmo tempo condiciona e oferece possibilidade de mudança. Um aluno que faz isso por três anos, mesmo com todos os limites, fica marcado. Nunca ele atuará na vida como se não tivesse esta experiência nas costas.

Mas voltamos à utilização do PE nas aulas:

* Aquilo que conseguimos nos anos de 1975/76 foi o seguinte:

- O monitor de Comunicação e Expressão cuidava da redação definitiva do PE e, podendo, complementava com uma leitura.
- Dependendo do assunto, o trabalho sobre o PE servia como motivação para o estudo sistemático de alguns temas de Estudos Especiais, Ciências e Estudos Sociais
- Dependendo da possibilidade, capacidade e disponibilidade, cada monitor podia sempre aproveitar os resultados do PE para planejar suas aulas o mais possível de acordo com os interesses e os problemas apresentados pelos alunos.

* No início de 1977, aproveitando a experiência dos anos anteriores, tentamos um planejamento anual das aulas visando ajustar mais o PE com o Currículo. (cf. Planejamento de 1977)

Por fim, sempre a respeito da utilização do PE nas aulas, gostaria de fazer a seguinte observação: o PE não é o ponto de partida para organizar mini-tratados. Ele é apenas uma pequena pesquisa sobre um assunto da vida, não para tratar este assunto em todos os seus aspectos, em todas as suas implicações, até esgotá-lo. O PE pretende apenas levantar algumas questões, para despertar e estimular o interesse do aluno e acostumá-lo a uma leitura crítica da realidade. Na vida do aluno, dependendo do interesse dele, não faltará tempo para ulteriores aprofundamentos. O PE é apenas o início de um processo de análise crítica da realidade, que, se espera deixar uma marca na vida do aluno, do monitor e dos pais.

2.4 O CRONOGRAMA DO PE

O cronograma que segue apresenta, em síntese, todas as etapas do PE, com a carga horária que elas exigiram de nós e com os protagonistas de cada etapa.

Preste-se bem atenção à carga horária exigida pelo PE:

- * Com os alunos vão-se de 8 a 10 horas por semana, entre trabalho de preparação, correção, colocação em comum e redação.
- * Para os trabalhos de escolha do assunto, elaboração do questionário e da síntese, que são executados só pelos monitores, vão-se mais cinco horas e meia, quando tudo corre bem.

Pessoalmente, eu gastava de 5 a 6 horas quando já tinha uma certa prática de PE. Nos primeiros tempos nem se contam as horas que passei tentando dar um jeito no PE que custava sair. Posso até dizer que, tirados poucos casos, o PE sempre deu-me mais trabalho e dor de cabeça do que as aulas.

PROGRAMA DO PLANO DE ESTUDO

ETAPA	DIA da SEMANA	CARGA HORÁRIA	PROTAGONISTAS
- Escolha do assunto	Segunda feira a noite	0,30 hs.	A equipe de monitores
- Conversa sobre o assunto com os alunos	Sexta feira de manhã	0,30 hs.	Um monitor e os alunos
- Elaboração do questionário pelos alunos	Sexta feira de manhã	1,30 hs.	Dois ou mais monitores e os alunos
- Revisão e elaboração definitiva do questionário pelos monitores	Sexta feira a noite	2,00 hs.	Dois ou mais monitores
- Entrega do questionário aos alunos	Sabado de manhã	0,30 hs.	Um monitor e os alunos
- Leitura do questionário aos pais	Durante os quinze dias em que o aluno fica em casa		
- Pesquisa			
- Elaboração das respostas			
- Rápida correção da redação	Segunda feira de manhã	1 00 hs.	Um ou mais monitores e os alunos
- Colocação em comum da pesquisa	Segunda feira a tarde	2,00 a 4 00 hs.	A equipe de monitores e os alunos
- Redação definitiva da pesquisa	Terça feira	2,00 hs.	0 monitor de Comunicação e Ex. e os alunos
- Elaboração da síntese da colocação em comum	Terça feira a noite	3,00 hs.	Dois monitores
- Entrega da síntese mimeografada	Quinta feira a noite	0,30 hs.	Um monitor e os alunos

3. O MONITOR e o PLANO DE ESTUDO

3.1 Em agosto de 1975, na minha pasta particular, fiz a seguinte anotação:

"Até pouco tempo atrás, toda vez que entrava na sala de aula para a colocação em comum do último PE, estava preocupado com aquilo que podia dizer e comunicar aos alunos sobre o assunto em questão. Agora aprendi a entrar na sala de aula um pouco mais despreocupado. Deixo os alunos falarem. Escuto as várias colocações e deixo que reajam com tudo aquilo que tenho na cabeça: conhecimentos já adquiridos, leituras feitas, experiências e problemas pessoais. O resultado é, às vezes, surpreendente: as colocações dos alunos se tornam estímulo para ulteriores aprofundamentos e nova organização dos conhecimentos adquiridos. Parece-me uma experiência interessante em que, monitor e alunos, estamos crescendo juntos no conhecimento da realidade".

Gostaria agora de acrescentar mais alguma coisa sobre aquilo que escrevi um ano e meio atrás.

3.2 Como monitor me senti muito mais realizado trabalhando com o PE do que trabalhando com as aulas. Inicialmente motivava para os alunos o trabalho de pesquisa e reflexão a ser feito através do PE, mas logo que os alunos e os colegas entravam neste processo, questionando, levantando dúvidas, pedindo esclarecimentos, trazendo dados, eu mesmo me sentia pessoalmente envolvido no processo, e, enquanto os alunos pesquisavam em casa, eu pesquisava na escola, lia artigos e livros, tomava nota de dados e notícias interessantes que podiam ser uma contribuição para a nossa pesquisa, tentava classificar e colocar em ordem os dados conseguidos, etc...

Posso afirmar que o PE se tornou para mim um grande estímulo à leitura, à pesquisa e ao estudo em geral. Muitos são os artigos e livros que li motivado pelos PEs.

3.3 Atualmente nas escolas o professor é reduzido, na maioria dos casos, a mero repetidor de noções que ele mesmo aprendeu nos livros. Não quero dizer que o trabalho de PE supere esta situação, mas quero dizer que, pelo menos, é um pequeno passo a frente, no sentido que neste processo entra em jogo não só aquilo que o professor aprendeu nos livros, mas também toda a experiência de vida que ele tem e a sua capacidade de viver em sintonia com os problemas da vida de cada dia.

Neste processo o professor aprende a ler e estudar não só os livros de papel, mas sobretudo o livro da vida, da história dos homens, da realidade que o rodeia e em que estão inscritos ele, os alunos e as famílias. E o monitor se propõe como objetivo que os alunos aprendam a ler os dois tipos de livros: os de papel e o livro da vida.

Aprender a ler o livro da vida junto com colegas, alunos e pais, para mim foi um trabalho muito mais criativo, gratificante e empolgante do que aprender a ler os livros de papel.

Este tipo de trabalho ajuda também a dar aos livros de papel a devida importância. Os livros são instrumentos de leitura e interpretação da realidade e são também expressão da leitura e interpretação que outros fizeram, mas não podem dispensar a nossa tentativa pessoal de leitura e interpretação.

Será que o PE é o único instrumento capaz de fazer com que o professor não seja mero repetidor de noções apreendidas nos livros? Acredito que não. Acredito que a experiência de cada um pode indicar soluções ou pistas de trabalho para evitar este perigo. A experiência pessoal de vida de cada monitor e seu engajamento na realidade, com certeza afetam positivamente e de mil maneiras diferentes o conteúdo das aulas e a metodologia empregada.

Porém para mim o PE foi um instrumento muito útil; inclusive acredito que é um instrumento bastante científico de análise, reflexão e expressão. Na situação atual não o trocaria por outros instrumentos, mas me dedicaria ao trabalho de aprimoramento.

3.4 A este ponto quero levantar uma questão: nas EFAs o agente educacional não tem o nome de PROFESSOR e sim de MONITOR. Nós, que somos monitores, estamos a par da diferença que há entre ser professor e ser monitor? Ou "monitor" é só um nome que recebemos ao ingressar numa EFA e nada mais?!

3.5 Repensando no meu trabalho com o PE posso dizer mais uma coisa: o fato de ser estrangeiro e de não ser técnico, trouxe-me algumas desvantagens facilmente imagináveis. Mas trouxe-me também vantagens. Não sei se me trouxe mais vantagem o fato de ser estrangeiro ou o fato de não ser técnico. O fato é que tive de me colocar diante dos alunos como alguém que realmente não sabia, isto é, que nada ou quase nada conhecia da vida nestas regiões e dos problemas técnicos da agricultura. E os alunos repararam logo que as explicações que lhes pedia, não exigiam respostas de brincadeira. Não se tratava de um joguinho entre alguém que fingia de não saber e alguém que fingia de dar explicações. Quando pedia informações, os alunos tinham que me explicar a coisa direito, até eu entender, se não insistia pedindo mais explicações. Às vezes eles até achavam graça que eu não conhecesse coisas que para eles eram tão corriqueiras, tão comuns. Mas tenho a impressão que sempre gostaram de me dar as informações que pedia. Com isso acho que favoreci nos alunos a capacidade de se expressar, de descobrir, de explicar e de refletir, e que se tornava muito útil principalmente na hora de preparar o PE e na hora da colocação em comum. E eles tiveram oportunidade de encontrar uma pessoa realmente interessada em conhecer a realidade deles.

3.6 Não ser técnico, talvez, para mim foi uma vantagem. Isso não quer dizer que os técnicos não possam conseguir bons resultados com o PE. Tudo depende da atitude com que o técnico encara o PE, ou melhor, a vida. Se ele achar que todos os problemas da vida dos agricultores são problemas técnicos, ou se ele achar que é suficiente se interessar dos problemas técnicos sem se interessar também das implicações humanas dos problemas técnicos, além de estar ele profundamente enganado, duvido muito que possa conseguir animar por muito tempo uma turma de alunos para o trabalho de PE.

Fora disso, a minha opinião é a seguinte:

* Nas EFAs o PE se coloca como motivação da aprendizagem em geral. Portanto não pode ter uma ligação exclusiva com uma disciplina.

* Os problemas técnicos levantados pelos PEs são muitíssimos; inclusive muitos PEs tratam de assuntos quase exclusivamente técnicos. Depende do monitor-técnico retomar todos os problemas levantados pelos PEs que guardam uma resposta ou um aprofundamento através de sua matéria.

* Monitor-técnico e monitor-não-técnico se completam mutuamente. As escolas precisam dos dois. Tem espaço e muito trabalho para os dois. Pode-se muito bem evitar de um ficar pisando no calo do outro.

3.7 O PE não é só um problema de metodologia, isto é, não é suficiente saber usar corretamente as técnicas apropriadas para se conseguir bons resultados. As técnicas são indispensáveis mas não são suficientes. Junto com um bom conhecimento da metodologia precisa também uma certa mentalidade, uma certa sensibilidade, uma certa maneira de encarar a vida e a escola. As técnicas são importantes, mas muito mais importante é a pessoa que aplica as técnicas.

Por isso, se hoje alguém me pedisse de dizer, baseado na minha experiência, o que se exige de um monitor que quer trabalhar com o PE, diria o seguinte:

- * Que ele tenha e mostre interesse pela vida do povo no meio do qual vive e trabalha, isto é:
 - que saiba descobrir, dividir e gostar da cultura, dos problemas e dos interesses deste mesmo povo;
 - que saiba escutar, perguntar e questionar;
 - que tenha o gosto da leitura como meio de se abrir a uma visão mais ampla e completa da vida e do mundo.
- * Que acredite no PE como instrumento bastante científico de análise crítica da realidade e instrumento de expressão da mesma. Para isso tem que ser profissionalmente preparado, motivado e disposto a uma séria experimentação.
- * Que participe, dentro das possibilidades, de todas as etapas do PE, pelo menos das principais, que são: preparação com os alunos e colocação em comum. Às vezes o interesse e a vivacidade com que o monitor anima o debate nas várias etapas do PE, se transmite aos alunos e dá a eles condição de medir a importância do assunto em questão. O assunto interessa aos alunos e aos monitores ou não interessa a ninguém. Não vejo como o aluno possa mostrar interesse para o PE se falta o interesse do monitor.
- * Que tenha bastante paciência e que saiba valorizar o pouco que os alunos conseguem. Aquilo pouco, às vezes, custou-lhes muito esforço. Não queira o monitor acelerar os tempos e não queira ver logo os resultados positivos. O crescimento é lento. Ninguém vê uma planta crescer, mas ela cresce. Se fico sempre

nada. Mas se souber dar tempo ao tempo, acaba que um dia desperto improvisamente e reparo: "Como cresceu!" A velocidade de quem anda a pé nem se compara com a velocidade de quem anda de carro. Mas chega o momento em que, olhando para trás, mesmo quem andou a pé, pode dizer: "Já andei muito!" Assim é com o PE.

* Que saiba trabalhar em equipe. O PE não é tarefa de um só monitor, e sim da equipe de monitores. Quando se afirma que o PE é um trabalho de equipe, está se querendo dizer o que? Que todos têm que fazer tudo? É muito provável que deste jeito acabe que ninguém faz nada. Cada monitor tem capacidades ou dons particulares:

- um é mais capacitado para coordenar e animar debates, outro tem o dom de saber se expressar numa linguagem simples e popular;
- um tem o dom de saber falar, outro tem o dom de saber escrever;
- um conhece bem os problemas técnicos da região, outro conhece mais os problemas sociais;
- um é mais teórico, tem sempre idéias novas na ca-
beça, outro é mais prático, tem o dom da ação;
- um tem mais experiência metodológica, outro já não tem ou se interessa mais no conteúdo.... e assim por diante.

Então, cada um dá a sua contribuição de acordo com seus dons:

- um se responsabiliza mais pela coordenação dos debates, outro se responsabiliza mais pela elaboração dos questionários e das sínteses;
- um se responsabiliza pela correta aplicação da metodologia, outro fica atento à riqueza do conteúdo;
- um se interessa a fim de que se dê a devida importância aos problemas técnicos, outro faz isso com os problemas sociais.... e assim por diante.

Se responsabilizar mais por uma tarefa do que por outra, não exclui o diálogo entre colegas, ao contrário! O importante é evitar o perigo de todo mundo querer fazer tudo, de todo mundo querer ser experto em tudo. É preciso saber reconhecer e respeitar a competência de cada um. Claro que pode haver uma certa rotatividade na execução das várias tarefas, respeitando, contudo, dentro do possível, os dons de cada um.

4. O ALUNO - O PLANO DE ESTUDO

4.1 O aluno está acostumado aos deveres de casa. O PE pode ser, para ele, um destes deveres. Só depois de uma experiência positiva de trabalho com o PE, ele começará a descobrir as diferenças entre PE e deveres de casa.

Para isso ele terá que notar que o PE é uma tarefa a que se dedicam todos os monitores, que tem ligação com muitas matérias e não com uma só, e que é aproveitado em muitas aulas.

4.2 Que o PE não é um dos muitos possíveis deveres de casa, pode ser evidenciado se pensarmos um pouco sobre sua função. Em relação ao aluno, o PE tem as seguintes funções:

- * Concentra o interesse do aluno sobre a vida dele, de sua família, de sua comunidade etc... mostrando assim que a vida em geral merece uma atenção toda particular.
- * Estimula uma leitura crítica da realidade, isto é, obriga o aluno a não fugir a realidade e sim a tomar consciência dela e a tomar uma decisão diante dela.
- * Motiva as aulas, isto é, se situa no início do processo de aprendizagem, enquanto, levantando problemas e questões, desperta e estimula o interesse do aluno.
- * Evita a dispersão no ensino, isto é, concentra-o sobre o polo de interesse que é a vida. O PE deveria mostrar que o centro de interesse que motiva tudo e a tudo dá unidade, é a vida com seus problemas, dificuldades, contradições etc... Será que um dia chegaremos lá?
- * Valoriza e dá sentido à alternância como momento de reflexão sobre a vida.

A nível de ensino, o PE possibilita ainda o seguinte:

- * Respeitar e valorizar a vida dos alunos e suas famílias. Fácil de se dizer, mas bem difícil de se realizar.
- * Favorecer a comparação de experiências e troca de idéias entre os alunos.
- * Favorecer a expressão escrita e oral, em geral.

4.3. Em 1975 anotava na minha pasta mais ou menos o seguinte: "Estudar significa procurar respostas para algumas perguntas. Na escola tradicional o professor dá resposta a perguntas que não foram formuladas pelos alunos e nem por ele, e sim pelos organismos educacionais que elaboraram os currículos. O PE, na medida em que se mostra capaz de detectar os problemas e a visão dos alunos, na medida em que respeita a liberdade deles, pode restituir-lhes a função de formular as perguntas e com o monitor ficaria a tarefa de ajudar na procura das respostas. Quer dizer: o aluno assumiria maior responsabilidade na hora de estabelecer o que interessa estudar".

Será que o PE pode conseguir isso? Em 1975 tinha muitas dúvidas a esse respeito. Hoje continuo com dúvidas. Mesmo assim prefiro escola com PE a uma sem PE.

5. OS PAIS e o PLANO DE ESTUDO

O PE não atinge só aos alunos mas aos pais também. Pelo menos assim deveria ser. Os pais deveriam estar presentes, de um jeito ou de outro, desde a escolha dos assuntos até o momento da utilização dos resultados, e não só na hora de responder os questionários.

5.1 A ESCOLHA DOS ASSUNTOS E A ELABORAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Na nossa escola nunca os pais estiveram fisicamente presentes nesta etapa do trabalho, isto não quer dizer que eles ficaram totalmente ausentes.

O nosso conhecimento da realidade e dos problemas da região, o nosso conhecimento das famílias através das visitas e reuniões, a nossa convivência e trabalho diário com os alunos, nos deram uma boa probabilidade de escolher assuntos do interesse dos alunos e suas famílias.

As visitas, as reuniões e a convivência nos deram condição de avaliar constantemente o seguinte:

- * Os assuntos eram bem escolhidos? Despertavam o interesse e a participação?
- * As perguntas dos questionários eram elaboradas numa linguagem suficientemente clara e popular? Os pais tinham dificuldades em entendê-las e respondê-las?
- * As perguntas estavam colocadas numa sequência que tornava fácil e lógico o desenrolar-se da pesquisa? Tinha perguntas que exigiam respostas mais ou menos iguais? Tinha perguntas gerais demais que dificultavam a pesquisa?

5.2 AS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO

Sobre o papel dos pais nesta etapa, já falamos anteriormente, ao descrever as etapas do PE na nossa escola (cf.2,2). São todas coisas que nós lembramos aos alunos muitas vezes, e aos pais também, principalmente na reunião de início de ano.

Contudo, até hoje, nunca fizemos um levantamento para verificar se e em que medida os pais participam e colaboram com os filhos nas respostas do questionário.

Pelas conversas que tivemos com muitos pais, podemos afirmar que um bom número deles acompanha os filhos no trabalho de PE e o faz com um certo interesse. Todavia não podemos traduzir isso em número.

Acho que, querer chegar a ter a certeza de que sempre, todas as perguntas de todos os alunos, foram respondidas com a participação dos pais, pode levar ao desânimo alunos e monitores. Nunca isso será completamente possível, por vários motivos:

- * Sempre haverá famílias em que o diálogo entre pais e filhos é difícil;
- * Sempre haverá perguntas nos PEs que os alunos saberão responder sozinhos;
- * Sempre haverá alunos mais sensíveis ou mais maduros, que expressarão nas respostas sua própria maneira de encarar a realidade. E, principalmente no caso de alunos bastante adultos ou com dificuldade de diálogo com os pais, isso não deixa de ser muito importante para eles que assim vão se acostumando a uma leitura

- * Em fim é bom ter presente que, se as respostas devem refletir o pensamento da família (ou da comunidade), o aluno também faz parte da família (ou comunidade) e tem pleno direito de expressar nas respostas do PE a sua opinião também. Se às vezes acontecer de alguns alunos darem mais destaque às suas opiniões do que às dos pais, isso não traz prejuízo demais, desde que se possa ter a certeza que a mentalidade dos pais está presente em muitas respostas dos outros alunos.

5.3 APROVEITAMENTO DOS RESULTADOS DO PE.

Exigimos a colaboração dos pais. Mas eles têm direito de saber porque a colaboração deles é indispensável, porque a escola dá uma importância tão grande ao PE. Eles também têm que se motivar para o trabalho do PE. Para isso eles têm direito de saber o que a escola faz com o PE, que aproveitamento ele tem na escola. Como conseguir isso?

Conheci pais para os quais foi suficiente entrar no processo do PE para descobrirem, sozinhos, a riqueza deste instrumento. Acredito portanto que, na medida em que o PE favorece um diálogo entre pais e filhos, desperta também o interesse dos pais e motiva-os. Será isso suficiente para todos os pais? Não sei. A escola, no entanto, pode fazer mais alguma coisa. Na nossa escola não fizemos muito, mas também não ficamos sem fazer nada.

- * Na primeira reunião de pais, no início de cada ano, sempre dedicamos um tempo para falar aos pais sobre PE, sua importância e seu aproveitamento na escola.
- * A partir de julho de 1976 começamos a entregar aos alunos uma síntese mimeografada das colocações em comum dos PEs, com a finalidade também de devolver aos pais os resultados dos PEs e dar continuidade à conversa entre pai e filho.
- * Em agosto de 1976 aproveitamos uma reunião de pais para comunicar a eles alguns resultados conseguidos com os PEs. Era nossa intenção abrir um debate bastante amplo sobre o trabalho feito. Tratava-se de devolver aos pais o que deles tínhamos recebido através das respostas dos questionários. Ou melhor, tratava-se de ver se eles reconheciam como suas as coisas que nós dizíamos ter recebido deles. Os resultados não foram ótimos, mas também não foram ruins. Era a primeira tentativa e não tínhamos muito tempo a disposição. A pauta da reunião estava muito cheia. Mesmo assim, parece-me que conseguimos interessar aos pais. Acredito que é uma experiência que vale a pena ser repetida.

Aquilo que nós fizemos é só isso. A "imaginação criadora" de cada um poderá sugerir mais iniciativas. O objetivo é envolver os pais no processo do PE. Quem desencadeia o processo são os monitores. Os pais entram no processo como colaboradores. Mas deveria acabar que monitores e pais crescessem juntos com os alunos.

6. O CADERNO DA PROPRICIDADE

Não sei bem o que vem a ser exatamente este "caderno da proppricidade". Herdamos este nome, mas não sabemos bem qual é o seu conteúdo. Não sei se coincide com a pasta onde os alunos guardam os PEs. Se for assim, acho o nome "caderno da proppricidade", muito impróprio, porque parece indicar que os PEs vertem sempre sobre assuntos relacionados com a proppricidade. O que não corresponde à verdade, pelo menos na nossa escola.

Com os nossos alunos, nunca falamos de "Caderno da Proppricidade" e sim de "Pasta dos Planos de Estudo". Com isto não resolvemos o problema do nome, mas, por enquanto não temos outra solução.

Nesta pasta os alunos guardam, nesta ordem:

- O questionário do PE (cópia mimeografada)
- A redação pessoal do PE (passada a limpo)
- A síntese da colocação em comum (cópia mimeografada)

Esta pasta dos PEs pode ser melhorada, acrescentando mais alguns trabalhos complementares, elaborados pelos alunos com a ajuda dos monitores, como por exemplo:

- desenhos
- gráficos
- tabelas
- leituras e artigos de jornais relacionados com o assunto do PE
- pesquisas complementares
- folhas de observação
- etc...

7. O CURRÍCULO e o PLANO DE ESTUDO

A ligação entre PE e currículo é bastante difícil, pelo menos às vezes, mas não é impossível. É sempre possível aproveitar os resultados das colocações em comum como motivação e material de reflexão, pelo menos numa das áreas de ensino, na semana.

Ligar todas as matérias com o PE, todas as semanas, é muito difícil, se não impossível, no papel. Mas, na realidade, se todos os monitores participassem das principais etapas do PE (Preparação com os alunos e Colocação em comum - A elaboração dos questionários e das sínteses pode ficar a cargo de um ou dois monitores), cada um deles poderia aproveitar pelo menos algumas das muitas coisas que saem nestas etapas.

Depois de dois anos de tentativas não sempre felizes, chegamos, no início deste ano, a bolar um Planejamento visando ajustar mais o PE com o Currículo. (cf. Planejamento 1977). Dará certo? A resposta poderá vir só da experiência, isto é, de uma séria tentativa de aplicação do planejamento.

8. BREVE AVALIAÇÃO

Depois desta "falação" toda, acho que uma breve avaliação não faz mal.

Na minha opinião, os pontos aonde fomos mais bem sucedidos, foram os seguintes:

- motivação dos alunos
- escolha dos assuntos
- elaboração dos questionários e das sínteses
- algumas colocações em comum
- uma certa ligação dos PEs com o Currículo

Acho possíveis as melhoras seguintes:

- melhorar a pasta dos planos de estudo
- melhorar a ligação entre PE e currículo
- experimentar novas dinâmicas para aninhar mais as colocações em comum
- elaborar as sínteses de todas as colocações em comum
- preencher uma ficha de avaliação de cada PE de cada aluno, conforme sugestão emersa na semana de aprofundamento de 1976
- cuidar mais da participação dos pais, desenvolvendo mais a parte que diz respeito a comunicação e informação sobre aquilo que a escola faz com o PE.

9. O PLANEJAMENTO PARA O ANO DE 1977

9.1 O QUE TÍNHAMOS

Tínhamos, de um lado, uma sequência de Planos de Estudo, já aplicados nos dois anos anteriores com as turmas dos três anos, e, do outro lado, o currículo de cada matéria preparado no fim de 1975.

9.2 O QUE FIZEMOS

Primeiro, baseados na experiência dos anos anteriores, planejamos os PEs para os 3 anos, aproveitando os dos anos anteriores, só modificando um pouco a sequência.

A experiência dos anos anteriores nos mostrou que um bom número de unidades de cada matéria encaixava bem com os PEs. Isto é: alguns PEs se colocavam como motivação de estudo daquelas unidades.

Tentamos; então, ajustar os PEs com o Currículo, de maneira que, em cada sessão, haja pelo menos uma matéria que retoma as questões levantadas pelo PE.

Para fazer isso não foi necessário mudar o conteúdo dos currículos. Só mudamos a sequência das unidades. Em alguns casos reduzimos um pouco o conteúdo, quando a experiência dos anos passados nos mostrou que o tempo era materialmente insuficiente para dar tudo o que estava marcado no currículo.

De um modo geral, também não discutimos metodologia e técnicas de ensino. Isso tudo cada monitor discutiu nos encontros de área de 1975/76.

Em conclusão: Não colocamos em questão o trabalho de currículo feito em 1975/76. Achamos que esta não é tarefa de uma equipe em particular, e sim de todos os monitores de cada área de ensino, coordenados pelo CFR. Só tentamos ajustar os PEs com o Currículo e, para isso, só mudamos a sequência das unidades dos currículos.

9.3 RESULTADOS (A nível de Planeamento)

9.3.1 Primeiro Ano

a) Os dois primeiros PEs vertem sobre a história e as tradições da família.

O monitor de Estudos Sociais inicia então um estudo sobre a história das famílias e das comunidades, isto é, sobre a história da imigração italiana e alemã no ES, primeiro no sul e depois no norte do estado.

Este estudo não csgota em 2 sessões de aula, mas continuará depois com o estudo do Município e do Estado, que ocupará boa parte do 1.º ano. Todo este estudo tem uma relação forte com os dois primeiros PEs, mas liga-se também com muitos dos outros PEs, pelo menos até a 8ª sessão.

b) O PE da 4ª sessão trata da propriedade da família do aluno.

O monitor de Estudos Especiais começa então o estudo sobre a propriedade, dando primeiro algumas noções elementares sobre os elementos e a organização da propriedade. Continuará depois com o estudo sistemático do solo, que irá até a 7ª sessão.

c) O PE da 5ª sessão trata da casa.

Os dados e as questões levantadas poderão ser aproveitadas pelas áreas de Estudos Sociais e Ciências. De fato, o monitor de Ciência iniciará, a semana depois, um estudo de higiene e saúde.

d) Os PEs da 6ª, 7ª, 8ª sessão tratam do combate às doenças, dos remédios populares e da alimentação.

O monitor de Ciência, que acaba de dar o estudo sobre a nutrição do homem, inicia então um estudo de higiene e saúde em que poderá aproveitar muitos dados destes PEs.

E, como estes PEs voltam a mexer com a história da família, o monitor de Estudos Sociais também poderá aproveitar muito deles.

e) Os últimos PEs tratam de algumas culturas: horta, milho e mandioca.

O monitor de Estudos Especiais, que acaba de dar o estudo do solo, entrará então com um curso sobre horta, sobre milho e sobre mandioca, ajustando-o à importância que estas culturas têm na região, às capacidades dos alunos e às questões levantadas pelos PEs.

Ao mesmo tempo o monitor de Ciências inicia o estudo da Nutrição da Planta (raiz, caule, folha). Os PEs sobre horta, milho e mandioca encaixam muito bem também com esta unidade.

9.3.2 Segundo Ano

a) Os primeiros 2 PEs tratam de mais duas culturas da região: o arroz e o feijão. Estes PEs caem na época da colheita do arroz e do plantio de feijão.

O monitor de Estudos Especiais dará então um breve curso sobre arroz e feijão, seguindo os mesmos critérios indicados para horta, milho e mandioca.

b) A experiência nos mostrou que principalmente o PE sobre feijão, cultura que depende muito de como corre o tempo e do ataque ou não dos insetos, nos permite levantar e identificar as dificuldades principais dos agricultores em relação às culturas. São elas:

- mudança de clima (chuve menos que antigamente)
- muitos insetos (mais que antigamente)
- enfraquecimento das terras (produzem menos que antig.

Por isso introduzimos aqui 4 PEs que enfrentam estes problemas. São eles: o clima, as pragas, o enfraquecimento das terras, o desmatamento e a caça.

O monitor de Estudos Sociais, dará algumas noções sobre as estações do ano (clima) e sobre o clima no ES e no Brasil. Depois iniciará um bom estudo sobre os Ciclos Econômicos (menos o ciclo do café que fica para o 3º ano) e a mão-de-obra escrava, para mostrar como, historicamente, foi-se explorando numa maneira predatória os recursos naturais do Brasil, destruindo-os, estragando o meio ambiente e esgotando terras. Enfim, continuará com o estudo da imigração européia, mostrando em que o processo de exploração das terras e as técnicas agrícolas ficaram como antes, e em que mudaram.

O monitor de Ciências começará um estudo sobre o Meio-Ambiente (ar e água - o solo fica com Estudos Especiais) destacando as possíveis mudanças climáticas numa região aonde a exploração das terras começou e continua com a destruição das matas nativas. Dará muito destaque ao ciclo da água que muito interesse já despertou nos alunos das turmas anteriores, mostrando a relação chuva-mata.

O monitor de Estudos Especiais depois de dar algumas noções sobre a relação planta-meio ambiente e sobre o controle das pragas, iniciará um bom estudo sobre a conservação do solo, isto é, sobre os fatores que levam ao esgotamento do solo e sobre as práticas de conservação do mesmo. O problema da conservação do solo é um dos principais problemas da região, e, por aquilo que se lê em livros e revistas, do Brasil inteiro.

c) O clima, as pragas, e o enfraquecimento das terras, são os problemas. Em que direção procurar a solução? Parece que três são as soluções mais debatidas entre os agricultores:

- trabalhar na técnica
- sair a procura de terras novas, em Rondônia principalmente
- largar o serviço da roça e procurar emprego na cidade

Três PEs enfrentam estes problemas. O primeiro é mais um levantamento das técnicas empregadas na propriedade da família do aluno, para ver quais as melhoras possíveis. Os outros dois enfrentam o problema do Êxodo Rural.

O monitor de Estudos Especiais, que está dando o estudo sobre a conservação do solo, continua dando algumas técnicas agrícolas: Calagem e Adubação.

O monitor de Estudos Sociais falará um pouco sobre os problemas da agricultura e êxodo rural no ES (principalmente na região norte) e no Brasil. Estudando as regiões do Brasil, destacará o desenvolvimento e os problemas da agricultura e da indústria em cada região. Ainda, estudando a região Norte do Brasil, destacará o problema da colonização de Rondônia, Amazonas, Pará etc... O estudo da Industrialização no Brasil, também encaixa bem com o PE sobre êxodo para a cidade.

d) Os dois últimos PEs (história da comunidade e religião) até hoje nunca foram aplicados. Pensamos em introduzi-los no fim do 2º ano, pelos seguintes motivos:

- 1º - Falando sobre o êxodo chega-se a mexer mais uma vez com a história das famílias e as sucessivas mudanças delas de um lugar para outro. O PE sobre história da comunidade teria a função de evidenciar isso e levar os alunos a ter uma visão mais completa e unitária do povoamento e do povo da região.
- 2º - Dentro das comunidades, a religião sempre ocupou um lugar privilegiado e hoje em dia as lideranças religiosas mostram um interesse particular pelos problemas sociais também. O PE sobre religião teria a função de levar os alunos a uma reflexão sobre esta realidade.

A esta altura do ano, nenhuma matéria tem condições de dar continuidade à problemática levantada por estes PEs. Porém podem se pensar algumas atividades paralelas, sem excluir que, depois de aplicados, estes PEs possam sugerir algumas aulas específicas.

9.3.3 Terceiro Ano

a) Os primeiros três PEs tratam da cultura do café, que é a principal cultura do município e da região norte do ES. Enfocam os problemas relativos à cultura, à comercialização e ao ciclo da erradicação.

O monitor de Estudos Especiais dará um curso completo de Cafeicultura, e o monitor de Estudos Sociais dará um histórico do ciclo do café no Brasil.

Outras atividades paralelas (palestra de um funcionário da Coop. de Cafeicultores de S.Gabriel, sobre comercialização do café através da Cooperativa - Visita ao amazen da Coop. - visita ao viveiro da Prefeitura - Visita a uma lavoura) servirão de complementação às aulas.

b) O PE da 5ª sessão trata da criação de gado. De fato, a erradicação do café favoreceu a pecuária no norte do estado, mas não muito no município de S.Gabriel, aonde Prefeitura e muitos agricultores fizeram oposição à política de erradicação.

O PE favorece e estimula uma reflexão sobre possibilidade, limites e problemas da criação de gado em nossa região.

O monitor de Estudos Especiais dará aula sobre a criação de gado e o monitor de Estudos Sociais recordará o ciclo do gado no Brasil.

c) Os PEs sobre erradicação do café e sobre gado, levantam os problemas da luta entre minifúndios e latifúndios, isto é, o problema da estrutura agrária. Podemos assim introduzir o PE da 6ª sessão, que não é realmente um PE. Trata-se de uma pequena pesquisa sobre a estrutura agrária da comunidade acompanhada de uma redação sobre problemas, dificuldades e vantagens dos pequenos proprietários da região.

O objetivo é o de sair de uma visão da agricultura reduzida aos problemas locais, ampliando a visão sobre os problemas da terra no Brasil inteiro.

Em outras palavras: os nossos alunos, moradores de uma região de colonização europeia e por isso de pequenos proprietários, acham que no Brasil inteiro os problemas da terra são os mesmos daqui.

Para eles o fato de ter ou não ter terras suficientes, muitas vezes é uma questão de vontade de trabalhar: quem tem esta vontade de trabalhar vai para frente e quem não a tem que não vá por a culpa nos outros. Da luta entre minifúndios e latifúndios pouco sabem e entendem.

Esta pesquisa, acompanhada da redação, deveria permitir aos alunos fazer uma comparação entre a estrutura agrária nas regiões de colonização européia e a estrutura agrária nas outras regiões do Brasil.

A única matéria que pode aprofundar a problemática deste PE é Estudos Sociais. Retomando mais uma vez a história da colonização, focaliza desta vez a estrutura agrária a que esta deu origem, confronta-a com a estrutura agrária que se originou com as sesmarias e dá uma panorâmica dos problemas da terra no Brasil inteiro.

d) Os PEs que seguem, tratam do Sindicato, da Cooperativa, do Banco e da EMATER, entidades que têm muito a ver com a vida dos agricultores. Todas elas pretendem dar uma contribuição e uma ajuda aos agricultores.

Os PEs querem que os alunos, além de descobrirem esta contribuição, descubram também o que estas entidades estão realmente fazendo e como são vistas pelos agricultores.

O monitor de Estudos Sociais dará algumas noções sobre história do Sindicalismo e do Cooperativismo.

O monitor de Estudos Especiais dará algumas noções sobre legislação agrária e doutrina cooperativista.

Funcionários das entidades em questão serão convidados para debater problemas relacionados com as atividades delas.

e) O penúltimo PE trata das escolas do Município (ou da Comunidade). O enfoque a se dar a este PE é o de destacar o esforço das comunidades no campo da educação e ver em que medida este esforço está beneficiando à agricultura (elevando seu nível técnico, por exemplo) ou favorecendo o êxodo rural.

Nenhuma matéria do currículo tem ligação com este assunto. Mas, a problemática levantada pode ser levada adiante através de encontros e debates, nos serões, com pessoas capacitadas ou/ou alunos de outras escolas.

f) O último PE é uma pesquisa sobre os ditados populares. Durante os 3 anos os PEs visavam sempre valorizar os conhecimentos e a cultura do povo, seu modo de encarar a vida e solucionar seus problemas. Este último PE quer ser uma pesquisa sobre uma das maneiras mais características com que se manifesta a sabedoria popular.

Estas são as ligações mais evidentes que descobrimos e que nos permitiram fazer um planejamento ajustando os PEs com o Currículo. A experiência e a atenção a todas as implicações do PE podem ajudar a descobrir outras ligações, mesmo aonde parece que não há possibilidade de ligação.

Falta dizer alguma coisa sobre o Currículo de Comunicação e Expressão e sobre o Currículo de Matemática.

9.3.4 A ligação entre PE e COMUNICAÇÃO e EXPRESSÃO pode ser assim colocada:

- * o monitor de Comunicação e Expressão se responsabiliza pela correção e redação definitiva do PE, sem dispensar a ajuda dos outros colegas, principalmente no preenchimento da ficha de avaliação de cada PE de cada aluno;
- * o monitor de Comunicação e Expressão escolhe leituras que tenham ligação com o assunto do PE. Por isso, no nosso currículo marcamos uma coluna de "INDICAÇÕES de LEITURAS". São "indicações", isto é, não são as únicas leituras que se ligam com o PE. Muitas outras podem ser encontradas. Só marcamos aquelas que já conhecíamos ou tínhamos utilizado nos anos anteriores. Servem como exemplo. A experiência do monitor terá que completar esta lista de indicações. Além das leituras que têm ligação com o PE, marcamos também outras que têm ligação com Estudos Sociais. Neste caso também trata-se apenas de indicações.

O conteúdo do currículo de gramática se liga ao PE na medida em que ajuda os alunos a melhorarem sua expressão escrita e oral. Mas não existe ligação direta entre os PEs e as unidades do currículo de gramática. Mesmo assim, numa coluna, nós marcamos um "conteúdo mínimo" de gramática, que visa levar o aluno a saber usar corretamente a língua portuguesa, quase que automaticamente. O estudo da estrutura da língua, com suas complicações, fica para um eventual 2º grau.

O homem primeiro aprende a caminhar e depois estuda a estrutura do corpo humano, se tiver tempo e interesse para isso. A uma pessoa que não sabe caminhar direito, não adianta ensinar anatomia do corpo humano. É muito mais importante para ela fazer exercícios motores.

Ainda: para aprender a dirigir um carro, o estudo do motor pode ser útil, mas não indispensável. Indispensável é treinar na direção de um carro. Uma pessoa que nada entende de mecânica pode ser um ótimo motorista.

9.3.5 Entre PE e MATEMÁTICA há possibilidade de muitas ligações. Porém o currículo de matemática tem uma sua lógica interna que liga uma unidade com a outra, motivo por que não nos arriscamos em mudar a sequência das unidades, mesmo quando isso teria permitido ligar mais uma certa unidade com um certo PE.

É possível dar aula sobre perímetro e área a um aluno que ainda não sabe somar, multiplicar e dividir direito? Talvez sim, mas achamos bom não arriscar demais. Ou ainda: é possível ensinar a construir gráficos circulares sem antes ter ensinado as proporções?

No Currículo de Matemática preferimos, então, escolher o caminho da lógica interna ao mesmo e achamos que isso não traz muito prejuízo. Depende do monitor ligar o ensino da matemática aos problemas e questões levantadas pelo PE. Por ex. ele pode sempre fazer o seguinte:

Quando do PE sobre Casa ou Propriedade, surge a oportunidade de iniciar o estudo de perímetro e área. Mas pode ser que os alunos não tenham ainda bastante segurança com as 4 operações, O monitor pode então continuar o estudo das 4 operações, avisando porém aos alunos que dali a uma ou duas semanas eles irão aprender como calcular a área de uma sala, de um quadro de terra; como calcular quantos metros de arame são necessários para fazer uma determinada cerca etc...

E quando chegar a hora de dar aula sobre perímetro e área, ele retoma as questões do PE sobre Casa e Propriedade que exigiram uma resposta da Matemática. E assim em muitos outros casos.

No currículo de matemática destacamos o estudo das 4 operações no início do 1º ano (muitos alunos terminam a 3ª série sem saber dividir) e depois destacamos as unidades que mais utilidade prática têm na vida (sistemas de medida, frações, proporções, porcentagem juros etc...). Aquilo que ficou fora do currículo (equações do 2º grau, teoremas etc...) o aluno terá condições de aprendê-lo no 2º grau, se for sua intenção continuar nos estudos.

9.3.6 No currículo temos, enfim, uma coluna com o seguinte título: OUTRAS ATIVIDADES. Marcamos ali as atividades complementares ao PE que previmos, desde gráficos, coletânea de retratos, ervas, raízes....., serões com pessoas de fora, até pequenas pesquisas. Neste caso também trata-se apenas de indicações.

1º ANO	PLANO DE ESTUDO	COMUNICAÇÃO e EXPRESSÃO		ESTUDOS
SESSÃO		Indicações de LEITURAS	Conteúdo Mínimo de GRAMÁTICA	HISTÓRIA (CSP-EMC)
1ª			Alfabeto Ordem Alfabética	
2ª	A HISTÓRIA da NOSSA FAMÍLIA	<u>J. Lorenzoni</u> : Mem. de um imigr.ital. <u>Graca Aranha</u> : Canaã	Maiúsculas e Minúsculas (usc) - Uso do Dicion.	Dados hist-óricos da família e comunidade
3ª	AS TRADIÇÕES e os COSTUMES da nossa família	<u>J. B. Cavati</u> : Hist. da imig.it.no ES <u>L. S. DERENZI</u> : Os ital. no ES	- Pontuação: ponto simples, de interr e de exclamação	idem
4ª	A NOSSA PROPRIEDADE	<u>M. Lobato</u> : Jeca Tatu <u>V. Tamanini</u> : Karina	- Pontuação: vir. e dois pontos. - Disc. direto e indireto	- Dados hist. do MUNICÍPIO - Organ. Política do Município
5ª	A NOSSA CASA	idem	- Transformação de frases afirm. negat. e interr.	- Dados históricos do ESTADO
6ª	O nosso COMBATE ÀS DOENÇAS	<u>Jobuê de Castro</u> : Doc. de NE e Geopol. da fere - Jornais e rev.	- Ortografia: err. principais - Parágrafo	
7ª	OS REMÉDIOS POPULARES (levantam.)	<u>M. S. de Novaes</u> : Med. e ren. no ES. Jornais e rev.	idem	- Organização política do Estado
8ª	A NOSSA ALIMENTAÇÃO	<u>Jesuê de Castro</u> : ob.cit. Jornais e rev.	- Verbos: n. Ind. Concordância	- Dados hist. sobre os princ. munic. das micro-regiões
9ª	A NOSSA HORTA		idem	idem
10ª	O PLANTIO DE MILHO em nossa propriedade	<u>D. Ribevro</u> : Maíra <u>M. Lobato</u> : Geog. de d. Benta A lenda do milho	- Flexão de palavras e frases	- As grandes navegações
11ª	A PRODUÇÃO DE MILHO em nossa propriedade	<u>M. Lobato</u> : ob.cit.	idem	- O descobr. do Brasil e sua ocupação
12ª	A CULTURA DA MANDIOCA em nossa propriedade	<u>D. RIBEIRO</u> e <u>M. Lob</u> : ob.cit. A lenda da mand.	- Acentuação: sílaba forte e regras mais simples	idem
13ª			Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação

OCLIAIS	CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	ESTUDOS ESPECIAIS	OUTRAS ATIVIDADE
Geografia	Noções sobre Células e Intr. ao est. do Corpo h.	Núm. e numerais Leit. de números -Adição c/num. int. e decimais	Experiências na propr. da escola	
-Leit. de mapas c/localiz. das imigr. it. e al.	-A nutrição do <u>homem</u> : digestão e absorção	-Adição e subtr. -Gráficos em coluna	idem	Pesquisas: imig. e trad./colet. retratos ant.
(continuação) Idéia do mundo através do mapa -Pontos card. -Orient. p/sol	a circulação	Multi. e divisão -Gráficos em coluna	Noções elem. sobre registro de entr. e saídas	Entrevista c/ antigos da região
-Configuração geográfica do mundo	a respiração	-Potenciação -Ev. das 4 oper. -Gráficos em coluna	Noções elem. sobre água, solo, cult. criações, matas etc...	Inventário da propriedade do pai
	as excreções e as secreções	-Expressões numéricas (noções)	-Estudo do solo: formação, perfil e característ.	
Configuração geográfica do estado	<u>HIGIENE E SAÚDE</u> -Verminoses e outras doenças infecciosas	Medidas de compr. -Perímetro das princ. fig. planas	tipos de solo e os elementos do solo	Pesquisas: Benzin. simpat. curanderismo..
	-As defesas do organismo	idem	retiradas de amostras p/ análise - Adubaç.	Crletânea de rem. popul. ervas, raízes óleos,
As MICRO-REGIÕES homogêneas do ES	-Alimentação e saúde (al. plást. energét. e regul.)	-Medidas de área -Cálculo da área das prin. fig. pl.	OLERICULTURA	Pesquisa: tabus aliment.
idem	<u>A Nutrição da planta</u> : Estudo da raiz	idem	idem	
Acompanhar no mapa / Noções sobre as linhas imaginárias	Estudo do caule	-Medidas agrárias	A cultura do milho	
idem	Estudo da folha	-Medidas de massa (p. bruto, líquido e tara)	idem	
idem	idem	-Medidas de tempo	A cultura da mandioca	
Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	

SESSÃO	PLANO DE ESTUDO	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO		ESTUDO
		Judicações de LEITURAS	Conteúdos mínimos, Mo de GRAMÁTICA	HISTÓRIA (OSP) e
1ª		Os Botucudos, da Carta Past. de .J.B. C.Nery	-Acentuação -Uso do dicion. (rev.e aprofun)	- O índio brasileiro - Invasões estrangeiras - Interesse e comprometimento de Pa
2ª	A CULTURA DE ARROZ em nossa propriedade		- Classes de palavras: substantivo, artigo e adjetivo.	- A vinda da família real p/o Brasil - Formas de governo (Ed.M.C.)
3ª	A CULTURA DE FEIJÃO em nossa propriedade		Verbo e numeral	-Independência do Brasil -Hino nacional da independência. (Ed.M.C.)
4ª	O CLIMA em nossa região	G.Ramos: Vidas secas J.de Castro: Doc. NE Jornais e rev.	Pronome	
5ª	AS PRAGAS que prejudicam as nossas culturas	J.L.Rego: Menino de engenho	Advérbio	-Os ciclos econômicos -Pau brasileiro, açúcar, gado, mineração
6ª	O ENFRAQUECIMENTO das nossas terras		Preposição e Conjunção	-A mão-de-obra escrava -A abolição -O racismo
7ª	O DESMATAMENTO e A CAÇA em nossa região	T.Davatz: Memórias de um colono no Brasil (1850). Jornais e rev.	-Sinônimos e Antônimos -Homônimos e Parônimos	-A imigração europeia (o papel do imigrante)
8ª	TRABALHAR NA TÉCNICA É possível?	M.Lobato: Geogr. de dona Benta Livros de geog.econ.	- Verbo: rev.do Indic./m.Subj.	-A república -A constituição -A democracia (Ed.M.C.)
9ª	AS SAÍDAS para RONDÔNIA	A emigr. dos homens da região norte (AGORA n.10/1974) O Est.do ES - breve est.soc-econômico	idem	
10ª	AS SAÍDAS para a CIDADE	Jornais e rev.	verbos irr.mais usados	-A industrialização no Brasil
11ª	A HISTÓRIA da(s) nossa(s) Comunidade(s)	IBGE: Encicl. dos municípios brasil.	idem	-O Brasil na 2ª guerra mundial
12ª	A RELIGIÃO em nossas comunidades	G.Ramos e J.d.Castro ob.cit. Boletins da diocese	-Correspondência particular: bilhete e telegrama	- O Estado Novo
13ª			Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação

SOCIAIS	CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	ESTUDOS ESPECIAIS	OUTRAS ATIVIDADE
Geografia	-A reprodução da planta: estudo da flor	Revisão de Perímetro e Área	A cultura do arroz	
	Estudo do fruto e da semente	Medidas de capacidade	idem	
O sistema solar	Disseminação e germ. das semen.	Medidas de volume: cubo, prisma e paralelepípedo	A cultura do feijão	Gráfico: preço do feijão nos últimos anos
As estações O clima no ES e no Brasil	Estudo do meio-ambiente: intr/ comp. do ar/ pressão atm. e fat. que a influenciam	idem	Necessidades da planta: em água, luz, ar....	Gráfico: distúrbios ecol. provoc. pelo desmatamen-
	Temperatura do ar e fatores que influenciam a distribuição do calor na terra	Múltiplos e Divis. Critérios de divis. Números primos e compostos	Controle das pragas Noções sobre inseticidas	Gráfico: relação entre desmatam. e insucesso das culturas
	A chuva: fatores que influenciam sua formação e distribuição	Fatoração dos números compostos MDC e MMC	Conservação do solo: fatores que levam ao esgotamento	Gráfico: cf. Seres vivos p.195/199
	O ciclo da água e fat. que podem modificá-lo. O vento: formação e ação no meio	Estudo das frações: O que é uma fração leit. de frações fr. pr. impr. e apar. num. mistos/fr. equi. simpl. de frações	Práticas de conservação do solo: controle das queimadas, a erosão e rotação das culturas	Gráficos: os ciclos mais imp. de um ecossist. e os animais extinção no Br.
Noções elem. sobre mão-de-obra e técnica na agr. bras/ As regiões brasileiras: A região Sul	A reprodução do homem: O apar. reprodutor masc. e feminino	operações com fr.: adição, subtração multiplicação e divis.	Reflorestamento pH do solo e Calagem	Visita a uma propriedade aonde são empr. técnicas agr. modernas
Noções sobre êxodo rural no ES e no Brasil A região Norte	A gravidez, o parto, o ciclo menstrual e noções sobre doenças ven. e hig. sexual	potenciação e radiciação Expressões frac. (noções)	Aducação: química: mistura em cob/de covas e foliar orgânica: mat.org.	Entrevista com alguém que já morou ou passou em Rondonia
A região Sudeste	Órgãos e funções de relação: sist. ósseo e muscular	Problemas com frações	Cítrus	Entrevista com um ou mais ex-al. que já tr. na cid.
A região Centro-oeste	o sistema nervoso	Razões e Proporções	Criação de suínos	Entrevista com 1 ou mais morad. ant. do Município
A região Nordeste	os órgãos do sentido	Grandezas propor.: regra de 3 simples regra de 3 comp.	idem	Encontro com líderes relig. das comunidades
Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	Revisão e Avaliação	

3º ANO		PLANO DE ESTUDO		COMUNICAÇÃO e EXPRESSÃO		ESTUDOS
SESSÃO	DE ESTUDO	INDICAÇÕES DE LEITURAS	CONTEÚDO MÍNIMO DE GRAMÁTICA	HISTÓRIA/OSP/ENH.		
1ª			Verbo: Rev. do Ind. e Subj.	Recordação: As etapas princ. da hist. do Brasil, desc. aos nossos dias		
2ª	A CULTURA DO CAFÉ em nossa propriedade (ou em nossa região)	Leituras sobre hist. e lenda do café: planta e bebida	modo Imperativo Formas nominais	-Do Estado Novo aos nossos dias -A ONU e suas fun. -Os direitos huma (Ed.M.C.)		
3ª	A COMERCIALIZAÇÃO do CAFÉ (ou O PREGO DO CAFÉ)	Jornais e rev. M.Lobato: Geogr. de dona Benta	Verbo: irreg- defectivos, anômalos e abun.	- O ciclo do café no Brasil		
4ª	A ERRADICAÇÃO DO CAFÉ em nossa região	O estado do ES - breve est. soc-econ. M.Lobato: ob.cit	Conjugações s Vozes do verbo	idem		
5ª	A CRIAÇÃO DE GADO em nossa região	idem	Verbo trans. intrans. e de ligação	(Recordação do ciclo do gado)		
6ª	A ESTRUTURA AGRÁRIA em nossa região (isto é: Distribuição e aproveitamento da terra em nossa região)	O est. do ES - ob.cit. Posição e Movimento (4 e 6...) (30/8/76) Boletins do Sindic. J.C.d.M. Neto: Morte e vida severina	Concordância de verbo com pronome	Noções sobre Est Agr. no Brasil (infl. da inig. eu) Breve panor. dos probl. da terra Brasil		
7ª	O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS de nosso Município	idem	SINTAXE: constr. de períodos coord. e subordinando orações	-Descobr. coloni e atual estágio da Am. Lat./Noção sobre sindicalis		
8ª	A COOPERATIVA AGRÁRIA dos cafeicultores de nosso Município	Boletins da Secr. da Agr. de S. Paulo sobre Cooperativismo	Separações de orações no período	-Os povos testemu nhas - Noções sobre cooperativismo		
9ª	A ATUAÇÃO DO BANCO E DA EMATER em nosso Município		Período simples e composto	-O colonialismo na hist. -O panamericanis (Ed.M.C.)		
10ª	AS ESCOLAS do nosso Município (ou da comunidade)	Reportagens sobre educação da rev. VEJA	Período coord. e subordinado	-O homem das cave (teorias e hipot)		
11ª	OS DITADOS POPULARES		-Oração: coord. principal e subordinada	-As civilizações antigas: mesopot. egípcia, grega e romana		
12ª	TESE		-Termos essen. da oração: suj. e predicado	-O cristianismo na idade antiga média -A origem do come medieval (o merc)		
13ª	TESE		-Rev. de Regên. Ver. Objeto/-An. Sint. (noções elem.)	-Guerras rel. na idade mod. e con -A revol. fran.		
14ª	TESE		Rev. e Aval.	Rev. e Aval.		

SOCIAIS CIÊNCIAS MATEMÁTICA ESTUDOS ESPECIAIS OUTRAS ATIVIDADES

GEOGRAFIA	CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	ESTUDOS ESPECIAIS	OUTRAS ATIVIDADES
	QUÍMICA:-Conceitos básicos:átom 1 e mol./subst.simples e composta - Teoria atômica	Porcentagem	A cultura do café	
	-Reações químicas e misturas -1ª classificação d.elem.quím.: metais,não-met....	Juros simples	idem	Visita ao viveiro de café da Prefeitura
Os Continentes: Europa Oceânia	-Estr.do átomo: Pr.Nêu.El./NA-NM Isótopos/Peso At. Eletrosfera/Sist.F.	Gráficos circulares	idem	Visitas:Armazen d Coop./Lavoura Palestra:Comercio do acfé ntr.da Cod
Ásia África	-As princ.ligaç. químicas:IÔNICA, COVALENTE,HIDR, -A Valência	Escalas	idem	Entrevista c/ pessoa que acompanhou o ciclo erradicação
América do Norte América Central	-Noções sobre: óxidos,hidróxidos anidrídos,ácidos sais	-Medidas de volume: cilindro,cone, piramide -Cubagem de madeira	A criação de gado	Visita a um pecuarista
Geografia física da América Latina	-Os principais elem.importantes a agr.:COH(química) da fotossíntese, ciclo de C,H ₂ O e CC ₂ /Os macr.NPK	-ALGEBRA: num.inteiros rel. Oper.com num.int. rel.:adição e subtração	idem	Entrevistas c/ funcion.INCRA, FUNRURAL....p/ debates sobre Estr.Agr.,leis trab. e Ref.Agr.
	(continuação) -Os macronutr. Ca,Mg,S. -Os micr.(noções)	-Operações com num.int.rel.: mult.divisão e potenciação	-Noções sobre legisl.agr,INCRA, Cadastro,Sind., Impostos etc...	Entrevista c/ pre Sind.T.R. e Patr. sobre Sindicalis. e ref.agr.
	-FÍSICA:MECANICA Prin.Inércia/Mov. Forças/ Força de gravidade	(continuação) Expressões com num.relativos (noções)	Noções sobre Cooperativismo	Entrevista c/pres. da Coop.sobre atuação e prob.da coop. e cooperati
	Trabalho Potência Energia	-Equações do 1º grau	Noções sobre crédito rural	Entrevista c/func do Banco e EMATER sobre Cred.Rur. Ass.Técnica
	-As máquinas sin. alavanca/pl.incl. Cunha/Roda Roldana/parafuso	-Problemas do 1º grau	As últimas sessões ficam a disposição p/:	Entrevista c/pess capac.sobre hist. das escolas do Encon.c/al.outr.
	TERMOLOGIA Fontes de c./Condutores/propagação Dilatação Térmica Medição da temp.	-Sistemas de 2 equações simultaneas	-realizar alguns cursos especiais, dependendo das necessidades, por ex.cobro: herbic. fungicidas,aves etc....	
	ÓTICA:Fontes de l. Propagação/As cores/Reflexão e Refração	GEOMETRIA: elementos/semiret. Segmentos/ângulos Polígonos	-realizar os ESTÁGIOS c/ relativo relatórios	
	ELETRICIDADE:exper. el.pos.e neg/Corr. el./geradores....	(continuação) Circunferencia e Círculo		
Rev. e Aval.	Rev. e Aval.	Rev. e Aval.	Rev. e Aval.	

10. OS QUESTIONÁRIOS

10.1 Introdução

A seguir apresentamos a maioria dos questionários elaborados durante o ano de 1976.

As nossas maiores preocupações em relação aos questionários, sempre foram as seguintes:

- * Definir e especificar bem o assunto e ver que todas as perguntas digam respeito ao assunto escolhido, isto é, evitar a indefinição e evitar de enfrentar, ao mesmo tempo, mais de um assunto.
- * Respeitar a sequência: fato concreto, análise do fato concreto, comparação, análise da comparação, reflexão e idéia geral. Como dissemos anteriormente, não sempre conseguimos isso, mas sempre nos esforçamos.
- * Usar uma linguagem o mais possível popular e acessível a todos os pais.
- * Formular sempre perguntas abertas, isto é, perguntas que favoreçam a descrição, a explicação e não perguntas fechadas, isto é, perguntas que são respondidas com um sim ou um não.

Por que tanta preocupação com a formulação das perguntas? Há sempre alguém afirmando que o questionário não é tão importante assim.

Uma pessoa pode fincar um prego numa tábua usando uma pedra, mas se tiver um martelo fica muito mais fácil. Pode-se cavar um buraco no chão só com a ajuda das mãos, mas com um enxadão a coisa fica muito mais fácil e o serviço mais bem feito. Pode-se traçar lenha com um traçador cego, mas se o traçador for anolado, gasta-se menos tempo, o cansaço será menor e não vai ser preciso xingar muito.

O questionário é um instrumento. Quanto mais perfeito, melhores resultados dará. A sua função é a de favorecer uma boa análise e uma boa reflexão, que deverá depois ser redigida por escrito. Questionários todos bagunçados não favorecem análise, reflexão e expressão nenhuma, ou bem ruim. Uma correta formulação da pergunta ajuda uma correta formulação da resposta.

Depois de tanto cuidado na formulação das perguntas, depois de um monte de explicações detalhadas, nos aconteceu, muitas vezes, de encontrar alunos que voltavam para a escola com respostas em branco, dizendo de não ter entendido a pergunta. O que teria acontecido se não tivéssemos cuidado um pouco da formulação das perguntas.

Às vezes desconfio que a afirmação de que o questionário não é muito importante é uma maneira de esconder as nossas dificuldades com relação à formulação das perguntas. É muito mais difícil formular perguntas do que formular respostas.

10.2 PE: A HISTÓRIA DA NOSSA FAMÍLIA

Sabemos que 50 anos atrás aqui no norte do Espírito Santo quase não havia moradores. Agora já existem comunidades com muitos moradores.

A história dos primeiros moradores desta região ainda não foi escrita, mas um dia alguém a escreverá.

Nós não precisamos esperar que alguém escreva essa história, porque nós e as nossas famílias tomamos parte desta história.

Será que esta história não merece ser conhecida?

Será que é importante só a história que está escrita nos livros?

Será que esta história não pode ensinar nada aos nossos filhos?

1. Quando a nossa família veio morar aqui no norte de Espírito Santo?
2. Antes de vir para o norte, aonde morou a nossa família?
3. Por que motivo a nossa família deixou o lugar aonde morava e veio para o norte do Espírito Santo?
4. Quando viemos para o norte do Espírito Santo, aonde fomos morar?
5. Quando chegamos, o que encontramos por estas bandas?
6. Logo que chegamos, que dificuldades encontramos para aceitar as coisas?
7. Como conseguimos a terra aqui no norte?
8. Desde que estamos aqui no norte do Espírito Santo, em quais lugares já moramos?

Antes de vir para cá, a maioria das famílias que moram aqui no norte, moravam no sul do estado. Mas se fomos olhar a história da nossa família, descobrimos que os nossos avós ou bisavós vieram de bem mais longe.

9. Quando os nossos avós ou bisavós chegaram ao Brasil?
10. De onde vieram?
11. Que problemas enfrentaram na viagem?
12. Que bens possuíam quando chegaram ao Brasil?
13. Logo que chegaram ao Brasil, em que lugar foram morar?
14. Que dificuldades encontraram para poder morar e trabalhar lá?

Pensando na história dos nossos antigos, descobrimos que foi, muitas vezes, uma história de dificuldades e de lutas. E tudo para conseguir um pedaço de terra para sustentar a família. Agora somos nós que levamos para frente a luta que eles começaram.

15. No pé em que as coisas vão indo, o que achanos da nossa situação de hoje em dia?
16. Na nossa vida de hoje, que problemas estamos encontrando?
17. O que estamos pensando em fazer para melhorar a nossa vida?

10.3 PE: AS TRADIÇÕES E OS COSTUMES DAS NOSSAS FAMÍLIAS

A maioria das famílias que moram por aqui é de origem italiana e alemã. Os antigos dessas famílias vieram de países estrangeiros. Quando chegaram ao Brasil, 100 ou mais anos atrás, junto com as poucas coisas deles, eles trouxeram também a língua, os costumes e as tradições de lá. Algumas dessas tradições foram guardadas com carinho até hoje, e merecem serem conhecidas antes que o tempo as leve embora.

1. Qual é a religião da nossa família?
2. Por que a maioria dos italianos é católica ao passo que a maioria dos alemães é luterana?
3. Quais são os dias santos que os luteranos usam guardar?
4. Quais são os dias santos que os católicos usam guardar?
5. Quais são as diferenças de uma religião para outra?

Os casamentos são acontecimentos que dão origem a grandes festas nas famílias e nas comunidades. Era assim também para os primeiros imigrantes.

6. Como eram antigamente as festas de casamento na nossa família?
7. Por que antigamente os italianos gostavam de casar entre si e os alemães também?
8. Que diferenças têm nas festas de casamento dos alemães para as festas de casamento dos italianos?
9. O que mudou de antigamente para hoje nas festas de casamento?

A vida dos imigrantes nunca foi fácil. Ao colono nunca faltou o trabalho, mas ele soube sempre dedicar um tempinho às diversões também.

10. Quais são as diversões que os antigos gostavam mais?
11. Hoje em dia, quais são as diversões que os italianos gostam mais?
12. Hoje em dia, quais são as diversões que os alemães gostam mais?
13. Hoje em dia, quais são as diversões que os brasileiros gostam mais?
14. O que achamos das diversões de hoje em dia?

Os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil 100 ou mais anos atrás, tiveram que aprender a língua brasileira. E não foi fácil.

15. Que dificuldades encontraram os primeiros imigrantes italianos e alemães para aprender a língua brasileira?
16. Por que os alemães custaram mais para aprender a língua brasileira?
17. Por que, ainda hoje, muitos alemães conversam na sua língua entre si?
18. Nós achamos bom que nas famílias se continue falando italiano ou alemão? Por que?

Parece que no início italiano se dava bem com italiano e alemão se dava bem com alemão.

19. Que dificuldades enfrentaram os italianos e os alemães para se entenderem uns com os outros?
20. Como é a situação hoje em dia?

10.4 PE: A NOSSA PROPRIEDADE

O sonho dos antigos emigrantes, assim como o sonho de cada agricultor, é de chegar um dia a ser proprietário de um pedaço de terra onde poder viver em paz com a família. Muitos realizaram este sonho. Alguns, ainda hoje, não conseguiram realizá-lo.

De qualquer maneira a vida de todos nós está ligada à terra. É de lá que sai o sustento para nós e não só para nós. A propriedade é um livro aberto que nos ensina muitas coisas. Quem quer cuidar direito da terra tem que saber ler este livro.

Vamos então conhecer o pedaço de terra em que vive a nossa família.

1. Vamos desenharmos a planta da nossa propriedade.
2. Quantos alqueires de terra tem na nossa propriedade?
3. Onde fica a nossa propriedade?
4. A nossa propriedade faz divisa com quem?
5. Quando compramos a nossa propriedade? De quem compramos e quanto pagamos?
6. Qual é o córrego que passa em nossa propriedade?
7. Que vantagem ele traz para nós?

Todo mundo sabe que por aqui o que está dando dinheiro é o café. Porém não é só de café que vive o agricultor.

8. Quais as principais culturas que temos em nossa propriedade?

CULTURA	TAMANHO DA ÁREA	PRODUÇÃO DA ÚLTIMA COLHEITA
Café		
Milho		
Frijão		
Arroz		
Mandioca		

9. O que plantamos para vender e o que plantamos para o gasto?
10. Como era a produção do café, milho, feijão etc... nos anos passados?
11. Por que esta diferença?
12. Como pensamos que será a produção deste ano e dos anos próximos?

O agricultor está acostumado a lidar com mata. Derrubando a mata é que ele conquistou o seu pedaço de terra.

13. Quantos alqueires de mata tem na nossa propriedade?
14. Quantos alqueires de mata tinha quando entramos?
15. Quando foi a última vez que derrubamos mata?
16. Quanto derrubamos e por que?
17. O que pensamos fazer com o resto de mata que ainda há em nossa propriedade?

A nossa região não presta para grandes criações de gado. Contudo, a maioria dos agricultores tem sempre algumas cabeças de gado, alguns porcos, galinhas, etc...

18. Quantos quadros de pasto temos em nossa propriedade?
19. Quantas cabeças de gado temos em nossa propriedade?
20. Quais são as outras criações que temos em nossa propriedade?
21. Qual é a utilidade das criações para a nossa família?
22. Qual é a criação que dá mais renda?

Para o agricultor o serviço, nunca é pouco.

23. Quem toca o serviço na nossa propriedade?
24. Que ferramentas e máquinas temos para trabalhar na propriedade?
25. Em que época do ano o serviço aperta mais?

Não é só o serviço que preocupa o agricultor. Ele tem também outras preocupações e outros problemas.

26. Quais são as dificuldades maiores que, hoje em dia, enfrentamos na nossa propriedade?
27. O que achamos da profissão de agricultor?

10.5 PE: A NOSSA CASA

O nosso município tem o nome de São Gabriel DA PALHA, porque as casas dos primeiros moradores eram cobertas de palha. Hoje a situação mudou. A nossa, talvez não seja uma "senhora" casa, ou talvez sim. Com certeza não é igual às casas dos primeiros moradores do município. E no futuro ainda melhor que a gente sonha, tem sempre lugar para uma casa melhor.

1. Vamos desenhar a planta da nossa casa.
2. Vamos descrever o lugar aonde está situada a nossa casa.
3. A nossa casa a que distância fica:
da casa do vizinho mais próximo?
- da estrada de carros?
- do ponto de ônibus?
- da igreja?
- do comércio?
4. Quais são as outras construções que tem em redor de nossa casa?
5. O que mais há em redor de nossa casa?
6. Quando foi construída a nossa casa? Quem a construiu?
7. Há quanto tempo nós moramos nela?
8. De que material foi feita?
9. Qual o tamanho da nossa casa?
10. Quantas repartições tem a nossa casa?
11. Quantas pessoas moram em nossa casa?

Uma vez as casas eram diferentes. Diferentes como?

12. Que diferenças notamos das casas de antigamento para as casas de hoje?
13. Por que está havendo estas diferenças?

Na nossa região moram italianos, alemães, poloneses etc... Somos todos brasileiros, mas talvez tenha ficado ainda alguma diferença de uma origem para outra, também na maneira de construir a casa.

14. Que diferenças notamos das casas dos alemães para as casas dos italianos e das famílias das outras origens?

Quando os negócios vão indo bem, a gente aproveita a ocasião para ter um pouco mais de conforto dentro de casa ou para dar uma reforma na casa.

15. Quais são os confortos que temos em casa?
16. E quais confortos gostaríamos de ter?
17. Que reformas fizemos em nossa casa nos últimos anos?
18. E que outras reformas gostaríamos de fazer?
19. Para concluir, o que achamos do estado da nossa casa?

10.6 PE: O NOSSO COLABATE ÀS DOENÇAS

Aquelo que um dia decidir de escrever a história do nosso povo daqui, deverá dedicar um capítulo bastante comprido dessa história só para contar a maneira com a qual este povo, que viveu por muito tempo isolado, enfrentou as doenças e tratou dos doentes.

Mas, para conhecer esta história, nós não precisamos esperar que alguém se decida a escrever um livro. Nós mesmos podemos contá-la aos nossos filhos.

Como no início do ano contamos a eles a história dos antigos da nossa família, vamos agora contar a eles outro capítulo da nossa história.

1. Nos primeiros anos depois que chegamos nesta região, quais eram as doenças que mais atacavam as pessoas por aqui?
2. Como se pegava estas doenças?
3. O que estas doenças provocavam nas pessoas?
4. Quais eram as dificuldades com os doentes daquele tempo?
5. Que recursos tínhamos em casa para tratar dos doentes?
6. E quem nos ensinou a usar estes recursos?
7. Que resultados davam estes recursos?

Sempre houve no interior curandeiros e benzedores e outros tratadores que eram procurados para tratar de alguns casos de doença.

8. Para quais doenças eram procurados os curandeiros e benzedores?
9. Como os curandeiros tratavam dos doentes?
10. Como os benzedores tratavam dos doentes?
11. Que diferenças encontrávamos entre um e outro na maneira de tratar?
12. Que resultado dava procurar estes tratadores?

O tempo foi passando.... e as coisas foram mudando.

13. Quais doenças foram desaparecendo?
14. Como se conseguiu acabar com estas doenças?
15. Quais são as doenças que mais aparecem por aqui no dia de hoje?
16. Que recursos temos hoje para tratar dos nossos doentes?
17. Quais as facilidades para tratar dos doentes hoje em dia?
18. E quais as dificuldades?

Uma vez tinha quase só curandeiros e benzedores para tratar das doenças. Com o tempo foram aparecendo muitos médicos e farmacêuticos.

19. Para quais doenças ainda procuramos o curandeiro e benzedor?
20. Para quais doenças procuramos o médico e farmacêutico?
21. Que vantagens tem em se tratar com os médicos e farmacêuticos?
22. Que dificuldades temos em mexer com os médicos e os farmacêuticos?
23. Alguns acreditam mais nos remédios da farmácia, enquanto que outros acreditam mais nos remédios feitos em casa. Nós, o que achamos?

10.8 RE: A NOSSA ALIMENTAÇÃO

Nas farmácias vendem-se muitos fortificantes, mas nós sabemos que o melhor fortificante é uma boa comida em cima da mesa para matar a nossa fome. Não adianta vender fortificantes a quem não tem comida. Um corpo bem alimentado é um corpo forte que aguenta mais o ataque de doenças, ao passo que um corpo mal-nutrido é um corpo fraco e doente, apesar de todos os fortificantes da farmácia.

Ninguém desconhece a importância da alimentação para a saúde. Por isso vamos pensar um pouco na nossa alimentação.

1. Quais são os horários das refeições em nossa família?
2. Por que motivos escolhemos estes horários?
3. Quais são as comidas mais comuns em nossa casa durante os dias da semana?
4. E aos domingos e festas?
5. Quais são as comidas que comemos só de vez em quando? Por que?
6. Que vantagens achamos em variar um pouco a alimentação durante a semana?
7. Dos alimentos que precisamos, quais os que compramos e quais os que produzimos em nossa propriedade?
8. Para nós, quais são as comidas que sustentam mais?
9. E quais as mais fracas?

Em nossa região vivem famílias de origem italiana, alemã e brasileira. Elas têm costumes e tradições diferentes, também na alimentação.

10. Quais são as comidas que os italianos gostam mais?
11. Quais são as comidas que os alemães gostam mais?
12. Quais são as comidas que os brasileiros gostam mais?
13. Por que existem estas diferenças na alimentação?

A diferença de origem implica muitas vezes numa diferença de religião. Ora, acontece que as religiões, às vezes, proibem algumas comidas.

14. O que é que a religião católica proíbe? Por que?
15. O que é que a religião luterana proíbe? Por que?
16. O que é que a religião adventista proíbe? Por que?
17. Nós, o que achamos destas proibições?

Todos sabemos que, infelizmente, no mundo inteiro há famílias que comem bem, algumas que comem até demais, ao passo que muitas outras passam fome.

18. Quais são as famílias de nossa comunidade que mais encontram dificuldades para se alimentar bem?
19. Por que estas famílias têm problemas de alimentação?
20. Ao nosso ver, quais são os prejuízos de uma alimentação ruim?
21. Na nossa opinião, quais são os alimentos mais necessários para uma boa alimentação?

10.9 PE: A CULTURA DA MANDIOCA EM NOSSA PROPRIEDADE

Até pouco tempo a mandioca em nossa região era quase somente uma cultura para o consumo da propriedade, ou entregue por quase nada às fábricas de farinha.

Hoje os agricultores falam que a mandioca já compensa o trabalho de plantar. Com isso a mandioca vem ganhando campo também como uma cultura que pode dar um bom lucro.

1. Quantos pés de mandioca temos em nossa propriedade?
2. Quais os tipos de mandioca que temos?
3. Aonde está plantado o nosso mandiocal?
4. Que vantagem oferece este lugar?
5. Como nós cuidamos do nosso mandiocal?
6. Que dificuldades encontramos para formar o mandiocal?
7. Qual a vantagem de termos um mandiocal?
8. Qual o preço da mandioca, este ano?

Até poucos anos atrás, a mandioca não tinha muito valor. De um ano para cá o preço dela foi subindo muito.

9. Quantos pés de mandioca tínhamos na nossa propriedade 4 ou 5 anos atrás?
10. Que dificuldades encontrávamos naqueles anos para formar o mandiocal?
11. Que uso fazíamos da mandioca naqueles anos?
12. Qual era o seu preço, naqueles anos?
13. Então, o que mudou daqueles anos para cá?
14. Na nossa opinião, por causa de que o preço da mandioca subiu tanto assim?
15. A quem está favorecendo este aumento do preço?
16. E a quem está prejudicando?
17. Que vantagens trouxe para nós este aumento do preço?
18. Trouxe também algumas desvantagens? Quais?

Vendo a situação de hoje e olhando à situação do passado podemos fazer os nossos planos para o futuro.

19. Nos próximos anos, como pensamos que será o preço da mandioca?
20. Nós, quanta mandioca temos intenção de plantar nos próximos anos?
21. Enfim, achamos que vale a pena arriscar um bom plantio de mandioca? Por que?

10.10 PE: O PLANTIO DE MILHO EM NOSSA PROPRIEDADE

O milho é uma cultura que nos oferece bastante benefícios, tanto na nossa alimentação como também na alimentação das criações que temos em nossa propriedade. E, de fato, nesta época todos os agricultores estão começando a preparar a terra para plantar milho. E nós, o que estamos fazendo em nossa propriedade?

1. Quanto milho vamos plantar este ano em nossa propriedade?
2. Aonde vamos plantar a nossa roça de milho?
3. Que vantagens oferece este lugar?
4. Como preparamos o terreno para o plantio de milho?
5. Que ferramentas e máquinas usamos?
6. Que vantagens temos em preparar a terra deste jeito?
7. Que dificuldades encontramos no preparo da terra?
8. Quando preparamos a terra para plantar milho?
9. E quando plantamos?
10. Por que escolhemos esta época para plantar?
11. Que dificuldades aparecem na hora de plantar?
12. Quais são as qualidades de milho que vamos plantar?
13. Qual é o milho que achamos que dá melhor em nossa propriedade?
Por que?
14. Onde conseguimos o milho de planta?
15. Que remédios usamos colocar no milho de planta? Por que?
16. De que maneira usamos plantar o milho? (Em carreira ou saltado)
17. Que espaçamento usamos para plantar milho?
18. Quantos caroços usamos colocar na cova?
19. Que adubo ou esterco usamos colocar na cova?...
20. Que vantagens achamos em plantar deste jeito... com tal espaçamento... com tantos caroços por cova ... ?

Os agricultores sempre plantavam milho. Mas, talvez, alguma coisa mudou na maneira de plantar.

21. Há 10 anos atrás, mais ou menos, como usávamos preparar a terra para plantar milho?
22. Que tipos de milho usávamos plantar?
23. Como usávamos plantar o milho?
24. Enfim, o que mudou daqueles anos para cá?
25. Que resultados conseguimos com estas modificações?
26. E hoje em dia, o que pensamos fazer para melhorar a nossa maneira de plantar milho?

10.11 PE: A PRODUÇÃO DE MILHO EM NOSSA PROPRIEDADE

A primeira chuva chegou. Está na hora de plantar milho. Quem foi comprar milho de planta reparou que seu preço subiu. Alguns meses atrás todos esperavam que também o preço do milho da última colheita subisse bastante. Mas parece que não subiu quanto a gente esperava. O preço dos adubos, este sim, subiu. A este ponto volta a pergunta que já animou muitas discussões entre técnicos e agricultores, isto é: Vale a pena arriscar um bom plantio de milho, possivelmente feito na técnica? Será que vai dar lucro ou prejuízo?

Por enquanto, vamos ver como foi a última produção de milho em nossa propriedade.

1. Quanto milho tínhamos plantado o ano passado?
2. Quantos carros de milho colhemos este ano?
3. Como fizemos a colheita?
4. Como puzamos o milho da roça para casa?

Muitas coisas podem ajudar ou prejudicar uma boa colheita: os insetos, o tempo, os cuidados com a lavoura...

5. Depois de plantado o milho, quantas capinas demos?
6. Quais os insetos que mais atacaram a nossa roça do milho?
7. Que prejuízos causaram?
8. O que fizemos para combater estes insetos?
9. Como correu o tempo para a produção de milho?

Pelo menos uma parte do milho colhido é destinado ao gasto familiar. Por isso todo agricultor está preocupado com a maneira melhor de guardar o milho.

10. Como usamos guardar o nosso milho?
11. Que vantagem temos em guardar o milho deste jeito?
12. Que remédio usamos colocar para guardar o milho no paiol?
13. Como utilizamos o milho que colhemos em nossa propriedade?

Dizem que no nosso município milho é uma cultura que está se expandindo. Nem todos os agricultores, porém, acham que compensa plantar milho.

14. Quanto milho colhíamos em nossa propriedade 4 ou 5 anos atrás?
15. Naqueles anos que dificuldades enfrentávamos para ter uma boa produção de milho?
16. E quais são as dificuldades de hoje em dia?
17. Qual era o preço do milho uns 4 ou 5 anos atrás?
18. E hoje, qual é o preço que se fala por aí?
19. Então, compensa plantar milho? Por que?
20. O que seria preciso para que a cultura do milho se tornasse um bom negócio?

10.12 PE: A CULTURA DO FEIJÃO EM NOSSA PROPRIEDADE

Parece que não só o preço do café está subindo muito nestes últimos tempos. A farinha também subiu e o feijão está subindo também. Será por que? Alguns dizem que o feijão encareceu porque a colheita do ano passado foi ruim. E, como se não bastasse, este ano o tempo faz atrasar o plantio do feijão. Vamos ver, então, como está indo a produção do feijão na nossa propriedade.

Começemos pensando um pouco no preço.

1. Qual é o preço atual do feijão?
2. Qual era o preço do feijão há dois anos atrás?
3. Por que o feijão encareceu tanto assim?

Vamos agora pensar na produção da nossa propriedade.

4. Quanto feijão colhemos na última colheita?
5. Quanto feijão tínhamos plantado?
6. Que estragos o tempo causou à cultura do feijão?
7. Quais foram as pragas e doenças que mais prejudicaram o nosso feijão?

No ano passado o tempo atrapalhou um pouco a produção do feijão. Neste ano parece que o tempo fez atrasar o plantio.

8. Em que época conseguimos plantar feijão?
9. Quanto feijão tínhamos intenção de plantar? E, na verdade, quanto plantamos?
10. Como está saindo este feijão?
11. O que poderá sofrer o feijão que foi plantado com atraso?
12. Levando em conta tudo isso, como achamos que será a colheita deste ano?

Falando do passado, muitos agricultores dizem que era mais fácil trabalhar com a terra e que a terra produzia mais e melhor.

13. Se lembrarmos da produção de feijão de 8 a 10 anos atrás, que diferença notamos na produção dos últimos anos?
14. Nós, como explicamos esta diferença?
15. Que possibilidade temos, hoje em dia, para melhorar a produção de feijão em nossa propriedade?

10.13 PE: O CLIMA EM NOSSA REGIÃO

"Chove pouco e não chove de acordo" andam dizendo os agricultores. E acrescentam: "Uma vez chovia mais". O tempo já prejudicou a produção de feijão do ano passado e atrasou o plantio de feijão deste ano. E sempre que a produção diminui, os agricultores se queixam que é por falta de chuva. Como se não bastasse, alguns estudiosos andam dizendo por aí que o clima do norte do Espírito Santo está mudando. Que tem de verdade em tudo isso?

1. Muitos agricultores dizem que antigamente chovia mais. Naqueles tempos, quais eram as épocas das chuvas?
2. Hoje em dia, quais são as épocas do ano em que chove mais?
3. E de fato, em que época do ano precisamos mais das chuvas?
4. Quais são as culturas que mais sofrem com a falta de chuva?
5. Quais são as culturas que mais aguentam a falta de chuva?
6. Vamos mostrar alguns exemplos de culturas da nossa propriedade que, nestes últimos anos foram prejudicadas pela falta ou atraso de chuva.
7. Sempre que a produção diminui, os agricultores se queixam que é por falta de chuva. Se hoje em dia chovesse igual a antigamente, será que as colheitas seriam iguais às de antigamente?
8. Além de prejudicar a produção, que outras dificuldades traz para nós a falta de chuva?

Dizer que antigamente chovia mais pode ser até fácil. O problema é descobrir por que chovia mais.

9. Na nossa opinião, por que as chuvas diminuíram?
10. Muitos velhos dizem que é Deus quem manda chuva e que se ele não quiser não vai chover. O mais que a gente pode fazer é rezar e fazer novena. Nós, o que achamos desta opinião?
11. Há 30 anos atrás havia muitas matas e agora estão quase todas derrubadas. Será por isto que está faltando chuva?
12. O IBDF está exigindo que todas as pessoas que possuem mata, tem que deixar 20% desta. Por que o IBDF está exigindo isso? Ele também está preocupado com a falta de chuva?
13. Por exemplo, se o IBDF deixasse acabar com as matas, o que poderia acontecer na nossa região?
14. Tendo presente a situação de uma vez e a situação de hoje, como pensamos que será o clima de nossa região no futuro?
15. No fim das contas, será que podemos fazer alguma coisa para não piorar ainda mais a situação real?

10.14 PE: AS PRAGAS QUE ATACAM AS NOSSAS CULTURAS

"Cove pouco e não chove de acordo" dizem os agricultores. Mas eles sabem que não é só a falta de chuva que está prejudicando a produção. Muitas vezes os insetos também são responsáveis pela queda de produção. E, ao que parece, uma vez a situação não era bem assim, isto é, pelo que falam muitos agricultores, uma vez tinha menos insetos prejudicando a produção.

1. Quais são as pragas mais comuns em nossa propriedade?
2. Quais destas pragas provocam mais estragos nas culturas?
3. Quais são as culturas que estão sendo prejudicadas por estas pragas?
4. Existem culturas que são mais prejudicadas do que outras. Em nossa propriedade quais são as culturas mais prejudicadas pelas pragas?
5. Alguns insetos cortam o pé da planta, outros comem a folha, etc... Vamos dizer como as pragas mais comuns realizam o estrago nas plantas.

Os nossos agricultores dizem que algumas pragas estão aumentando e contam também que novas pragas, que uma vez não tinha, foram aparecendo durante os últimos anos.

6. Ao nosso ver, quais são as pragas que estão aumentando?
7. E quais são as novas pragas que apareceram nos últimos anos?

Para explicar porque as pragas estão aumentando, tem várias opiniões. Alguns dizem que a seca faz aumentar os insetos.

8. Quais são os insetos que mais atacam no período da seca?
9. Se chovesse igual antigamente, quais são os insetos que, na nossa opinião, iriam diminuindo?

Alguns dizem também que se alguns insetos aumentaram, é porque a caça está acabando com muitos animais que comem estes insetos.

10. Quais são estes animais que comem insetos e que já foram e ainda estão sendo muito caçados?
11. Quais são os insetos que tiraram vantagem disso?

Alguns, enfim, acham que o próprio desmatamento é culpado pelo aumento de insetos, porque os insetos que antes viviam e se alimentavam dentro da mata, agora atacam e estragam as culturas.

12. Nós, o que achamos desta opinião?

As pragas estão prejudicando cada vez mais as nossas culturas. O jeito é tentar combatê-las. E algumas pragas são mais fáceis de serem combatidas do que outras.

13. Quais são as pragas que usamos combater?
14. Que remédios usamos para combater estas pragas?
15. Que resultados temos conseguido com este combate?
16. Em geral, que dificuldades temos para combater as pragas, principalmente as que mais provocam estragos?
17. Enfim, o que achamos da situação atual em que nos encontramos diante das pragas que prejudicam as nossas culturas?

10.15 PE: O ENFRAQUECIMENTO DAS NOSSAS TERRAS

A situação da agricultura da nossa região não é uma das piores. Apesar de tudo a nossa terra está produzindo ainda bastante bem. Tem, porém, alguns fatos que preocupam os nossos agricultores: chove pouco e não chove de acordo, muitas pragas atacam e prejudicam as nossas culturas, como vimos nos planos de estudo das semanas passadas. Além disso os agricultores lamentam um enfraquecimento das terras que por isso não produzem tão bem como uma vez. Será por que? Tem alguma coisa que podemos fazer para melhorar esta situação ou será que daqui a alguns anos as nossas terras serão imprecistáveis para a agricultura?

1. Na nossa propriedade, que tipo de culturas usamos plantar em terras velhas?
2. E que tipo de culturas usamos plantar em terras novas?
3. Em quais culturas estamos notando uma queda de produção?
4. A partir de quando começamos a notar esta queda?
5. Na nossa opinião, quais podem ser as causas desta queda?

Se pensamos na nossa maneira de fazer as derrubadas, talvez possamos descobrir um porque do enfraquecimento das nossas terras.

6. Há quanto tempo foram derrubadas as terras mais velhas da nossa propriedade?
7. Há quanto tempo foram derrubadas as terras mais novas da nossa propriedade?
8. Como foram feitas as primeiras derrubadas em nossa propriedade?
9. Quais as vantagens destas maneiras de derrubar?
10. Quais as desvantagens destas maneiras de derrubar?
11. E hoje em dia, como estão sendo feitas as derrubadas em nossa propriedade?
12. Quais as vantagens destas maneiras de derrubar?
13. Quais as desvantagens destas maneiras de derrubar?

Toda a vida os agricultores aprenderam a plantar café de morro acima. Hoje alguém já está plantando de um outro jeito.

14. Como está plantado o café na nossa propriedade?
15. Que vantagens notamos nesta maneira de plantar?
16. Que desvantagens notamos nesta maneira de plantar?

É de costume aos agricultores plantarem outras culturas no meio do café novo.

17. O que costumamos plantar no meio do café novo?
18. Que vantagens encontramos nisso?
19. Que desvantagens encontramos nisso?

Já alguns agricultores, preocupados com o enfraquecimento de suas terras, estão procurando dar um jeito nisso.

20. Em nossa propriedade quais as práticas que estamos usando para conservar a terra?
21. Que resultados estamos conseguindo com isto?
22. Que organizações estão se interessando em nos ajudar nisso?
23. O que pensamos fazer no futuro para conservar as nossas terras?
24. Como pensamos que será a agricultura no futuro, em nossa região?

10.16 PE: O DESMATAMENTO e A CAÇA EM NOSSA REGIÃO

Na nossa região temos uma agricultura bastante boa. Mas, para conseguir isso os nossos agricultores tiveram que derrubar as matas e combater os animais que prejudicavam a eles mesmos, às suas criações e às culturas, porque a natureza não dá nada de graça.

Tudo isso deu bons resultados, mas trouxe também alguns problemas: faltam as chuvas, aumentam os insetos e as terras enfraquecem. Na verdade alguns dizem que estes problemas são, em parte, devidos ao fato que estão acabando com as matas e com os animais também. Deve ter um pouco de verdade nisso!

Vamos ver, então, o que aconteceu e o que está acontecendo com as matas e com os animais do mato, por aqui.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM AS MATAS

1. Quando entramos na propriedade, quanta mata tinha?
2. Quais as madeiras mais comuns que tinha?
3. Quais as madeiras que tinham mais valor?
4. Como eram usadas todas estas madeiras?
5. Hoje em dia, quanta mata tem em nossa propriedade?
6. Quais as madeiras mais comuns que temos hoje na nossa mata?
7. Como são usadas estas madeiras?
8. Quais são as madeiras de hoje que tem mais saída?
9. Quais são as madeiras que temos menos, hoje em dia?
10. Como eram as matas de antigamente e como são as matas de hoje? (Isto é, que diferença notamos entre as matas de antigamente e as matas de hoje?)
11. Quais são os lucros e as desvantagens (se houver desvantagens que estas matas estão nos dando?)
12. O que temos intenção de fazer com os restos de mata que temos?

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM OS ANIMAIS

13. Quais os animais que antigamente tinha nas nossas matas?
14. Quais deles davam mais prejuízo?
15. Que prejuízos eles traziam?
16. E tinha alguns animais que traziam benefícios? Quais?
17. Quais os animais que foram mais caçados?
18. Por que foram caçados?
19. Quais os animais que já desapareceram ou estão desaparecendo?
20. Quais os animais que mais encontramos hoje nas nossas matas?
21. Quais deles estão sendo mais caçados?
22. Que vantagens e desvantagens nos traz a caça?
23. O que pensamos que vai ser dos poucos animais que sobraram nas nossas matas?

OBS. - Às perguntas que pedem de dizer quais são as madeiras mais comuns, ou de mais valor, ou que temos menos, vamos responder fazendo uma lista bastante completa.

- Toda vez que as perguntas falam de animais, lembremo-nos de falar de todos os animais que conhecemos, isto é, dos bichos do mato, dos pássaros, das cobras, etc....

10.17 FO: TRABALHAR NA TÉCNICA - É possível?

É muito comum ouvirmos os agricultores dizer que as terras estão começando a ficar fracas. Uma pessoa quando começa a se sentir fraca, faz alguma coisa: toma um remédio, descansa durante alguns dias, ou, se for muito velha, se aposenta.

As nossas terras são novas demais para pensar em aposentá-las. Elas terão que produzir mantimentos ainda por muitos anos. Então, se elas já dão sinais de fraqueza, o que podemos fazer?

Alguns dizem que a solução é TRABALHAR NA TÉCNICA. Fácil de se dizer, mas, na realidade, temos condições de trabalhar na técnica? Temos bastante terra e recursos suficientes para isso?

Já discutimos sobre algumas técnicas empregadas pelos agricultores nas nossas propriedades. O levantamento que vamos fazer quer ajudar os alunos a pensar mais nisso, para ver quais são as melhores técnicas que podem ser introduzidas nas nossas propriedades.

1. A TOPOGRAFIA da nossa propriedade.

A introdução de novas técnicas depende da região ou do lugar aonde está situada a propriedade. Não adianta, por exemplo, pensar em trator, se a região for muito amorrada.

CULTURAS	TOPOGRAFIA	TAMANHO												
		1ar.	2ar.	3ar.	4ar.	5ar.	6ar.	7ar.	8ar.	9ar.	10ar.			
	VÁRZEA													
	CHAPADA													
	BREJO													
	MORRO INCLINADO													
	LOMBÃO													
TAMANHO TOTAL da PROPRIEDADE:														
RENDIMENTO ANUAL:														

2. A MÃO-DE-OBRA

O serviço nunca falta, dizem os agricultores. Mas tem épocas em que o serviço aperta mais e é preciso um número maior de pessoas para dar conta dele. E às vezes o resultado não paga o serviço. O que mudaria se trabalhássemos na técnica?

PESSOAS QUE TRABALHAM:	NÚMERO												OBSERVAÇÕES	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		
PESSOAL DE CASA														№ de Famílias:
MEIROS														№ de Famílias:
CAMARADAS														Em que época?

SERVICOS	MESES	JAN.	FEB.	MAR.	ABR.	MAY.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEC.
MILHO-Prep.solo-Plantio													
MILHO-Capinas													
MILHO-Colheita													
FEIJÃO-Pr.solo-Plantio													
FEIJÃO-Capinas													
FEIJÃO-Colheita													
CAFÉ-Prep.solo-Plantio													
CAFÉ-Capinas													
CAFÉ-Colheita													
MANDIOCA-Pr.s.-Plantio													
MANDIOCA-Capinas													
MANDIOCA-Colheita													
ARROZ-Prep.solo-Plantio													
ARROZ-Capinas													
ARROZ-Colheita													
PASTO-Prep.solo-Plantio													
Bater o pasto													

3. FERRAMENTAS E MÁQUINAS

Trabalhar, para a maioria dos agricultores quer dizer "pegar no cabo da enxada". Existem porém algumas ferramentas e máquinas que facilitam o trabalho. Que ferramentas e máquinas nós temos?

Temos arado de boi..... Temos carro de boi.....
Temos trator..... Temos grade.....

Que outras ferramentas e máquinas temos?

Que outras ferramentas e máquinas achamos necessárias para a nossa propriedade e gostaríamos de comprar?

4. TÉCNICAS QUE APLICAMOS em nossa propriedade

No trabalho da roça, junto às práticas antigas, como as queimadas e as capinas, estão aparecendo prática novas, como: adubar, arar, usar remédios para combater os insetos, etc....

CAPINAS (assinale com uma cruz as maneiras empregadas)

Amontoamos o cisco e queimamos.....
Deixamos o cisco expalhado.....
Fazemos leiras de banda.....
Fazemos leiras de comprido.....
Amontoamos e deixamos na roça.....
Outras maneiras.....

QUEIMADAS

Quando usamos fazer o preparo do solo através do queimada?
.....
.....
.....

ADUBAÇÃO

Já adubamos algumas vezes com adubo orgânico? Sim Não

Quais culturas?

Quais os adubos orgânicos usados?

Já adubamos algumas vezes com adubo químico? Sim Não

Quais culturas?

Quais os adubos químicos usados?

ARAÇÃO

Usamos, às vezes, preparar o solo arando e gradeando?
Sim Não

Para quais culturas?

COMBATE ÀS PRAGAS E DOENÇAS

Combatemos as pragas e doenças das lavouras? Sim Não
às vezes

Que remédios usamos?

Combatemos as pragas e doenças das criações? Sim Não
às vezes

Quais os remédios usados?

Que remédios usamos quando guardamos os mantimentos no paiol?
.....
.....

10.18 PE: AS SAÍDAS PARA RONDÔNIA

A população vai aumentando, o serviço da roça é duro e a terra dá cada vez menos. Diante desta situação alguns estão achando que os pequenos agricultores não têm mais condições de viver bem ficando por aqui. De fato alguns agricultores estão largando as terras daqui e estão indo em busca de terras novas em Rondônia. Será que isso vai resolver alguma coisa? Será que é uma coisa que vai dar certo?

1. Em nossa comunidade, de quanto tempo para cá se vem falando em ir para Rondônia?
2. Como se espalhou a notícia de terras em Rondônia?
3. Quantas famílias de nossa comunidade saíram para Rondônia nestes últimos anos?
4. O que estas famílias eram aqui, antes de irem para lá?
5. Quais os motivos destas saídas para Rondônia?
6. Que garantias de possuírem terra tiveram aqueles que saíram?
7. Como foram feitas as viagens do pessoal para Rondônia?
8. Por aquilo que ouvimos dizer, como estão se dando as famílias que foram para lá?
9. Das famílias de nossa comunidade que foram para Rondônia, quantas já voltaram?
10. Por quais motivos estas famílias tiveram que voltar?
11. Os que voltaram, o que dizem de lá?
12. Estas famílias que voltaram, como estão aqui, agora?

Trinta ou quarenta anos atrás, muitos dos nossos agricultores de origem italiana e alemã, deixaram o sul, onde moravam, e vieram para cá, para colonizar esta região norte, até então quase despovoada.

13. Que motivos levaram estes agricultores a saírem do sul para o norte?
14. Que semelhanças existem com os motivos que levaram algumas famílias de nossa comunidade a saírem para Rondônia?
15. Os agricultores que do sul vieram para cá, que dificuldades encontraram ao chegarem nesta região?
16. Que dificuldades vão encontrar as famílias que saem de nossa região para Rondônia?

Para os agricultores que vivem por aqui, não faltam os problemas. Mas, apesar de tudo, estas terras já estão abertas e encaaminhadas, tem estradas e tem comércio.

17. Nós, o que achamos daqueles que decidem de largar as terras daqui e ir para Rondônia?
18. Nós pensamos em ficar ou ir para Rondônia? Por que?
19. Se muitos agricultores de nossa região fossem para Rondônia o que poderia acontecer com as terras da nossa região?

10.19 PE: AS SAÍDAS PARA A CIDADE ou outros lugares

Na semana passada discutimos o problema das famílias de nossa região que saem para Rondônia. Há porém outras famílias de agricultores que saem de nossa região, não à procura de terras melhores, e sim à procura de um novo emprego.

Uma coisa está certa: as pessoas mudam sempre com a esperança de melhorar sua situação de vida. O que não quer dizer que para aqueles que saem seja tudo muito fácil.

Talvez em nossa comunidade não sejam muitas as famílias que saíam para a cidade ou com outros destinos. Em outras regiões do estado e do país a situação é sem dúvida pior. Mas com certeza sabemos de algumas famílias que largaram a roça. Acharmos bom que os alunos pensem nisso desde já, porque, quem sabe, daqui a alguns anos eles também terão que decidir se ficar na roça ou sair.

1. Além das famílias que saíram para Rondônia, quantas outras pessoas saíram de nossa comunidade para a cidade ou outros lugares, nestes últimos anos?
2. Para onde foram estas pessoas que saíram?
3. O que estas pessoas eram aqui antes de saírem?
4. Que dificuldades estavam passando aqui?
5. Qual era a intenção delas ao sair do nosso interior?
6. Que tipo de emprego estas pessoas arrumaram?
7. Que vantagens trouxe para elas este novo emprego?
8. Que dificuldades elas estão passando neste novo emprego?
9. Como pensamos que será o futuro delas?

Numa comunidade há famílias que saem e famílias que chegam ou voltam.

10. Nos últimos anos, quantas famílias de agricultores vieram morar em nossa comunidade?
11. De onde vieram?
12. Por que escolheram a nossa comunidade?
13. Fazendo uma comparação entre as famílias que saíram e chegaram, como está a nossa comunidade?

Hoje em dia um grande número de jovens está estudando. E quem estuda muitas vezes sonha de poder arrumar um bom emprego fora da agricultura, uma vez formado.

14. O que acham do serviço da roça os estudantes de nossa comunidade?
15. O que eles pensam em fazer depois de concluir os estudos?
16. Que dificuldades eles irão encontrar para conseguir aquilo que querem?
17. Nós, como pensamos que será o futuro dos estudantes de hoje?
18. E se todos aqueles que estão estudando saíssem mesmo da agricultura, o que poderia acontecer daqui a alguns anos por aqui?

Ficar ou sair não é só problema dos outros. Talvez já seja um problema da nossa família também. Ou poderá vir a ser um problema daqui a alguns anos.

19. Se nestes dias alguém nos fizesse a proposta de comprar a nossa propriedade em troca de um outro emprego, qual seria a nossa resposta?
20. E quando em nossa família todos terminarem os estudos ou começarem a casar, como vai ser?

10.20 PE: O PREÇO A UNIDADE DO CAFÉ

Mais uma vez o café é o assunto do momento. Escutando os comentários do pessoal por aí, não há por onde não ficar satisfeitos. Para quem tem café os preços, de tão bons, são quase de assustar! Esta alta merece uma reflexão para descobrir o que está por trás desse fato.

1. Descrever de maneira bastante detalhada o andamento do preço do café nos últimos dois anos, fazendo comparações sobre o preço de um ano para outro e tentando explicar as causas que, a nosso ver, ano após ano, estão provocando esta alta de preço.
2. Descrever o que a alta do preço do café está provocando no preço das outras mercadorias e provar com alguns exemplos aquilo que descrevemos.
3. Descrever o que pode acontecer com a cultura do café na nossa região com a valorização que este produto está tendo no mercado.
4. Dizer como pensamos que será o andamento do preço do café nos próximos anos, motivando a nossa opinião.

10.21 PE: A ERRADICAÇÃO DO CAFÉ EM NOSSA REGIÃO

Para os agricultores daqui o café é a cultura que mais dá lucro. Porém o preço e o mercado do café nem sempre estiveram bons como estão este ano. Anos atrás, por exemplo, foi feita uma campanha de erradicação do café. Esta campanha de erradicação foi um fato que marcou profundamente a vida dos agricultores do Espírito Santo. Teve quem a aceitou e teve também quem a rejeitou. O que aconteceu mesmo por aqui?

1. Dizer em que ÉPOCA foi feita a campanha para a erradicação.
2. Dizer por que MOTIVOS foi feita a campanha de erradicação.
3. Dizer QUEM promoveu a campanha de erradicação e descrever COMO devia ser feita esta erradicação.
4. Quem mandou erradicar, com certeza tinha um PLANO na cabeça, isto é, queria conseguir alguma coisa. Descrever o que se queria conseguir com a erradicação.
5. Nem sempre os planos dão os resultados esperados. Descrever que RESULTADOS deu, de fato, a erradicação, em nossa região.
6. Descrever o que aconteceu com as FAMÍLIAS que erradicaram seus cafezais.

10.22 PE: A CRIAÇÃO DE GADO EM NOSSA REGIÃO

Dez anos atrás deu-se por aqui a erradicação do café. Hoje estamos vendo quanto errada foi aquela política. Hoje ganha bem só quem tem café.

Apesar disso muitos dizem que os agricultores daqui, que não são fazendeiros, não podem ir atrás só de café. Na verdade a maioria dos agricultores não deixa de tratar também de outras pequenas lavouras e de algumas criações. Vamos ver, então, que importância tem a criação de gado nesta região, aonde a produção principal é o café.

1. A maioria dos agricultores daqui são pequenos proprietários. Dizer quanto gado cria normalmente um pequeno proprietário daqui e a utilização que o gado tem numa pequena propriedade.
2. Descrever as raças mais criadas pelos agricultores daqui e as vantagens e desvantagens que elas apresentam.
3. Descrever a situação das pastagens por aqui, isto é, quais são os lugares escolhidos para o pasto, as variedades de capim plantado, os cuidados tomados com o pasto e as dificuldades que um pequeno agricultor encontra tratando do pasto.
4. Todo ano chega a época da seca. Isto traz dificuldades para a criação de gado. Dizer o que o pequeno agricultor faz com o gado nesta época e dizer se há alguma coisa que ele poderia fazer para se defender melhor da seca.
5. Além da seca, outro problema é dado pelas pragas e doenças do gado. Dizer quais são as pragas e doenças mais comuns e o que fazem os pequenos agricultores para controlá-las.
6. No controle de algumas doenças trabalhava também a GECOFA. Dizer o que ela mandava fazer e o que os agricultores achavam dela.
7. Já uma vez, na época da erradicação do café, se tentou introduzir na região a criação de gado de corte. Não deu certo. Dizer se no futuro, aqui na nossa região, há possibilidade de trocar as lavouras com a criação de gado e dizer o que poderia acontecer se isto se realizasse.

10. 23 A ESTRUTURA AGRÁRIA DA NOSSA REGIÃO, isto é, COMO É DISTRIBUÍDA E APROVEITADA A TERRA em nossa região.

Vivemos do que nos dá a terra. Já pensamos bastante sobre a situação dos agricultores daqui. Está na hora de conhecer como é distribuída e aproveitada a terra no Brasil inteiro.

Porém, antes de chegarmos lá, é bom fazermos primeiro uma pequena pesquisa sobre a situação na nossa comunidade e depois uma redação sobre os problemas, dificuldades e vantagens das pequenas propriedades da nossa região, aproveitando, para isso, todo o material que fomos colhendo através dos Planos de Estudo destes anos.

P E S Q U I S A

Comunidade de _____

1. Nº de famílias da comunidade _____
2. Nº de propriedades de 0 a 5 alqueires _____
Nº de propriedades de 5 a 10 alqueires _____
Nº de propriedades de 10 a 20 alqueires _____
Nº de propriedades acima de 20 alqueires _____
3. Nº de propriedades em que vive uma família _____
Nº de propriedades em que vivem 2 famílias _____
Nº de propriedades em que vivem 3 famílias _____
Nº de propriedades em que vivem 4 famílias _____
Nº de propriedades em que vivem mais de 4 fam. _____
4. Nº de famílias de meeiros _____
Nº de famílias de contratistas _____
Nº de empregados _____

R E D A Ç Ã O

1. Falar sobre os PROBLEMAS e as DIFICULDADES dos pequenos proprietários da nossa região, isto é:
 - * Descrever como está indo a produção das várias culturas nestes anos, explicando as causas deste andamento.
 - * Descrever as técnicas empregadas nas propriedades e as dificuldades encontradas para introduzir novas técnicas.
 - * Descrever como é feita a comercialização das produções, o papel dos intermediários e comerciantes e as vantagens que esses comerciantes e intermediários tiram disso.
 - * Descrever quais são as despesas que os pequenos proprietários têm com a propriedade, inclusive os impostos.
2. Falar sobre as VANTAGENS das pequenas propriedades.

10.24 PE: A COOPERATIVA AGRÁRIA DO NOSSO MUNICÍPIO

Quem assistiu ao desfile realizado em São Gabriel no dia 14 de maio deste ano, em ocasião do 13º aniversário deste município, deve estar lembrado das duas mercedes lotadas de café que desfilaram pelas ruas e diante do palanque das autoridades. Com este gesto a Cooperativa Agrária dos Cafecultores de São Gabriel da Palma quis dizer que ela também contribuiu para o desenvolvimento deste município.

Quando porém perguntamos aos nossos jovens se sabem alguma coisa a respeito desta Cooperativa, muitos admitem candidamente de estar por fora do negócio.

A Cooperativa é uma realização de muitos nossos agricultores. Vamos ver se não é possível conhecê-la um pouco mais.

1. Procuremos saber quando nasceu a Cooperativa do nosso município e quais foram os iniciadores.
2. Procuremos saber qual é o objetivo da Cooperativa e o trabalho que ela, na verdade, faz.
3. Procuremos saber quem pode ser sócio da Cooperativa do nosso município, quantos são os sócios da nossa comunidade e quais são os direitos e os deveres dos associados?
4. Na rua existem muitas casas de comércio que compram e vendem produtos. Vamos dizer quais são, na nossa opinião, as diferenças de uma qualquer outra casa de comércio para a Cooperativa.
5. Procuremos agora descobrir também as vantagens que a Cooperativa oferece aos seus associados.
6. A Cooperativa existe, tá aí. Nem todos porém são sócios. Deve ser que nem todos acreditam nela, isto é, alguns devem ter algumas dúvidas a respeito dela ou estão vendo nela alguns defeitos. Procuremos então saber e relatar as críticas que alguns estão fazendo à Cooperativa pelos defeitos e desvantagens que ela pode realmente ter.

10.25 PE: O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DO NOSSO MUNICÍPIO

O agricultor é um morador do interior, e no interior as distancias são geralmente grandes. Assim, muitas vezes, o agricultor vive isolado, sem muitas possibilidades de defender seus interesses.

Sempre, porém, houve agricultores que sentiram a necessidade e a urgência de os agricultores se unirem e juntarem seus esforços para melhor defenderem seus interesses.

Que resultados eles conseguiram até hoje com seus esforços? Bom! A Cooperativa está aí e é uma realização bastante nova. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais também está aí. Vamos, então, pensar um pouco neste sindicato.

1. Procuramos saber quando foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do nosso município e vamos contar o que ele conseguiu realizar até hoje em prol dos agricultores.
2. Procuramos saber quantos agricultores da nossa comunidade são associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e vamos descobrir quais são os direitos e deveres dos associados
3. Vamos dizer qual é o objetivo do sindicato e quais são as vantagens que ele traz para os associados.
4. Nem todos os agricultores acreditam no Sindicato dos trabalhadores rurais. Alguns o criticam. Vamos dizer então quais são os defeitos ou desvantagens que o pessoal da nossa comunidade acha no sindicato dos trabalhadores rurais.
5. O sindicato dos trabalhadores rurais tem sua história, que nem sempre foi fácil. Procuramos saber, então, em que anos ele teve mais dificuldades para continuar realizando seu trabalho em prol dos agricultores e que tipo de dificuldades ancaçaram, naqueles anos, sua sobrevivência.
6. No nosso município tem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e tem o Sindicato Patronal. Vamos dizer quais são as diferenças de uma para outro.
7. Para concluir, vamos dizer qual é a nossa opinião a respeito do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, isto é, vamos dizer quais são, na nossa opinião, seus pontos positivos e seus pontos negativos.

10.26 PE: A ATUAÇÃO DA FEATER E DO BANCO em nossa região

O agricultor para ir para frente e melhorar precisa de muita boa vontade, de competência e, sobretudo, de toda sua experiência acumulada durante muitos anos de trabalho.

Tudo isso é muito importante, mas hoje o agricultor tem também outras possibilidades e outras ajudas. Tem a Cooperativa, tem o Sindicato, tem a FEATER e tem o BANCO também.

Cada uma destas entidades tem seus defeitos, mas tem coisas boas também. Já falamos sobre a Cooperativa e sobre o Sindicato. Vamos agora pensar um pouco sobre a FEATER e sobre o BANCO.

A ATUAÇÃO DA FEATER

1. Vamos dizer o que sabemos sobre a FEATER, isto é, vamos dizer o que ela é, o que ela já fez e está fazendo para os agricultores e o que os agricultores acham dela.

A ATUAÇÃO DO BANCO

2. Vamos dizer quais são os empréstimos e financiamentos que costumamos fazer ou podemos fazer com o Banco.
3. Vamos dizer quais são as condições para se conseguir estes empréstimos e financiamentos e como são feitos.
4. Vamos dizer quais são as dificuldades para se conseguir os empréstimos e financiamentos do Banco.
5. Para concluir, vamos dizer quais são as vantagens e desvantagens (se houver) que estes financiamentos trazem para nós e para os agricultores em geral.

10.27 Pesquisa: OS DITADOS POPULARES

Para dizer a um sujeito que ele está se metendo na vida dos outros, o nosso povo não precisa de muitas palavras. Para ele basta dizer: "Diz o ditado: Boca fechada não entra mosquito". E quem tem um pouco de cabeça, pode entender.

"Boca fechada não entra mosquito", é um dos muitos ditados populares que expressam a sabedoria do nosso povo. O nosso povo não fala caprichado como falam os livros. Com poucas palavras e palavras bem colocadas, ele diz muita coisa.

Atrás de cada dito tem um significado que só uma pessoa viva pode pegar. Vamos, então, fazer uma pequena pesquisa sobre os ditados e expressões populares, para documentar a sabedoria do nosso povo, antes que se perca.

Para ajudar nesta pesquisa, aqui vão alguns exemplos de ditados e expressões populares.

DITADOS POPULARES:

O seguro morreu de velho
O cavaco nunca cai longe do pau
Macaco velho não põe mão em carbuca
É apanhando que se aprende
Antes pingar do que secar
O apressado come quente e passa mal

OUTRAS EXPRESSÕES POPULARES:

O velho bateu o vinte um
Velho igual ao vento sul
Estar de formadura nova
Nem vem que não tem
Quando a galinha criar dentes
Aonde o diabo perdeu as botas

11. AS SÍNTESES

11.1 INTRODUÇÃO

Chegamos, enfim, ao momento de apresentar as sínteses.

A idéia de elaborar uma síntese nasceu depois da semana de aprofundamento de 1976. Até então, nada ficava de escrito para os alunos de tudo aquilo que se discutia durante a colocação em comum na segunda-feira. Havia acontecido que, às vezes, as discussões eram até bastante interessantes.

Durante a semana de aprofundamento de 1976 fomos despertados sobre a necessidade de que, pelo menos alguma coisa da colocação em comum ficasse gravada por escrito no caderno dos alunos. Pensamos então na elaboração de uma síntese em que aparecessem as questões mais debatidas durante a colocação em comum. Decidimos que, por enquanto, a elaboração desta síntese ficasse a cargo dos monitores e não dos alunos, pelos seguintes motivos:

* os nossos alunos já gastam bastante tempo na sua redação semanal do PE e não o fazem com excessivo entusiasmo. Pedir uma outra redação, nem que fosse elaborada em grupinhos, talvez fosse demais;

* além do mais, os nossos alunos estão num curso supletivo a nível de ginásio. Muitos deles já ficaram vários anos fora da escola e apresentam bastante dificuldade em sua expressão escrita e oral. Alguns nem têm o primário completo. Se os nossos alunos já tivessem o ginásio completo, a coisa seria diferente: já teriam um certo domínio da língua (pelo menos deveriam ter!). Não excluimos que, em seguida, a elaboração da síntese possa ser assumida pelos próprios alunos, bem orientados por um monitor.

As finalidades da síntese são:

a - Não perder a riqueza de muitas colocações em comum. Cada aluno fica, assim, não só com os resultados de sua pesquisa, mas também com os resultados da pesquisa do grupo.

b - Valorizar a pesquisa dos alunos e estimular ulteriores pesquisas. Os alunos gostam de encontrar nestas sínteses as coisas por eles pesquisadas ou faladas. Isto transmite a eles uma certa animação.

c - Destacar as questões mais debatidas e os problemas que surgiram na colocação em comum. Alguns terão resposta com as aulas da semana, outros serão retomados mais vezes durante os 3 anos de curso e outros são problemas que não podem ter resposta tão imediata. Cada um resolvê-los-á à sua maneira durante a sua vida.

d - Devolver aos pais os resultados da pesquisa e favorecer a continuação da conversa entre pais e filhos.

A síntese não é uma segunda redação do PE em que se dá resposta a todas as questões levantadas. Não é uma sequência de afirmações esclarecedoras. Junto com afirmações temos também muitas interrogações, dúvidas, pontos que ficaram obscuros para os alunos e para os monitores. A síntese procura ser fiel à

discussão feita. Muitas das coisas escritas nas sínteses podem estar erradas ou podem ser discutidas. Estão aí para isso. Não nos interessava chegar sempre à verdade, a qualquer preço, mesmo se nunca deixamos de procurá-la. Mais do que a verdade nos interessava o processo de busca da verdade, o processo através do qual cada um, com a ajuda dos outros, poderá procurar a verdade. Aquilo que está anotado nas sínteses reflete o caminho percorrido por nós.

11.2 A HISTÓRIA DA NOSSA FAMÍLIA

11.2.1 Introdução:

O PE sobre História da Família é o 1º PE do 1º Ano. Mas a reflexão sobre o assunto não se esgota no início do 1º Ano e nem no decorrer do 1º Ano. A história da família é como um pano de fundo que acompanha o estudo nos 3 anos e que, vez ou outra, volta a ter um destaque particular.

a - No 1º ano reflete-se sobre a história da família estudando a história da imigração italiana e ainda no Espírito Santo. Volta-se a mexer com ela com os PEs sobre remédios populares e maneiras tradicionais de combate às doenças.

b - No 2º ano temos os PEs sobre clima, pragas, enfraquecimento das terras, desmatamento e caça. Para bem entender o porque da diminuição das chuvas, do aumento dos insetos, do enfraquecimento das terras, é necessário relembrar o processo de exploração das terras usado pelos imigrantes. Volta-se assim a mexer com a história da família e o monitor de Estudos Sociais dá aula sobre a Imigração Européia no Brasil, mostrando em que o processo de exploração das terras e as técnicas agrícolas ficaram como na época da escravidão e em que mudaram. (cf. Caio Prado Junior: História Econômica do Brasil - págs.183-191). Fazendo a comparação com a época da escravidão ele terá também possibilidade de falar do racismo que ainda marca o relacionamento entre descendentes dos imigrantes e descendentes dos escravos. Ainda no 2º ano, retoma-se a história da família quando se fala do êxodo rural para Rondônia. É uma ocasião para mostrar como as famílias têm a tendência de passar de um lugar para outro, chegando terras boas: da Europa para o Brasil, do Sul para o Norte do estado, do Norte do estado para Rondônia. Naturalmente tem que se pensar nas causas e nas consequências.

c - No 3º ano, enfim, a história da família está presente quando se vai falar da estrutura agrária, com a intenção de fazer uma comparação entre a estrutura agrária nas regiões de colonização européia e nas outras regiões do Brasil. O monitor de Estudo Sociais, então, retornando mais uma vez a história da colonização, destacará a estrutura agrária a que esta deu origem e a confrontará com a estrutura agrária que se originou com as sesmarias. (cf. Caio Prado Junior: História Econômica do Brasil - págs.248-256 e Celso Furtado: Análise do Modelo Brasileiro - págs. 89-122).

11.2.2 A Síntese

A síntese da História da Família que apresentamos a seguir, não foi preparada para ser entregue aos alunos, e sim para ser apresentada aos pais na reunião de agosto de 1976. Não se limita aos fatos e problemas levantados pelo PE do 1º ano. É um apanhado de todos os debates que este PE possibilitou com as 3 turmas, durante os 3 anos. Aqui vai, portanto, esta 1ª síntese.

O PE sobre a História da Família é o 1º PE que os alunos fazem logo no início do 1º ano, mas oferece material para trabalhos e discussões durante os 3 anos: Ele nos permite:

a - Conhecer a história, as lutas e as realizações do povo da região. O povo quando chegou por estas bandas, não tinha muitos recursos. Mesmo assim entrou por estas matas, enfrentou a natureza ainda selvagem, quase só com machado, facão e enxada e realizou tudo aquilo que estamos vendo.

A maioria do povo daqui veio do Sul do estado, uns 30 anos atrás, quando no Sul a terra começou a ser pouca, fraca e cara, ao passo que por aqui a terra era muita, boa e barata.

Mas, olhando a história da maioria do povo daqui, descobrimos que os antigos vieram de bem mais longe: da Alemanha, da Itália, da Polônia, enfim, da Europa. Saíram de seus países, onde viviam apertados, e chegaram ao Brasil procurando um pedaço de terra para realizar seu sonho de ter uma vida um pouco melhor.

Começaram colonizando o sul do estado, mas quando lá a situação se tornou difícil, saíram à procura de terras novas e baratas aqui no norte. E, hoje em dia, a situação daqui, para alguns, começa a ser parecida com a situação que tinha no sul, isto é, as terras começam a ficar velhas, caras e poucas. A solução para alguns é aquela de sempre: sair à procura de terras melhores e mais baratas, desta vez em Rondônia.

Parece que a história do nosso povo sempre foi assim e continuará sendo assim: passar de um lugar para outro, caçando as terras melhores e começando sempre tudo do início. Será que isso não terá fim? Deste jeito, que possibilidade tem a agricultura de progredir, de melhorar? Não há o perigo de ir estragando terras? Como sair desta situação?

b - Compreender o relacionamento existente entre as diferentes origens. A maioria das famílias daqui são de origem Alemã, Italiana e Polonesa. Mas tem também famílias de origem portuguesa e tem os negros e pretos. Como se relacionam entre si estas origens diferentes?

A língua, as grandes distâncias e os costumes diferentes, no início dificultaram um pouco o entrosamento. Com o tempo estas dificuldades caíram e estão caindo. E, hoje em dia, a situação como está?

Sobrou, ao nosso ver, um pouco de "racismo" que se manifesta, por exemplo, nas expressões "serviço de preto" e outras piores, ou em piadas em que o bobo é sempre "o português".

Parece que o relacionamento entre descendentes dos colonos europeus e descendentes dos portugueses e escravos, está marcado por um certo racismo.

Os descendentes dos colonos têm um certo e justo orgulho daquilo que conseguiram realizar com tantos esforços e não entendem por que os outros, morenos e pretos principalmente, não conseguiram os mesmos resultados. Então, com os alunos, tentamos descobrir o porque disso.

Analizamos, em primeiro lugar a política do governo em relação aos colonos, na época da imigração européia. Os colonos tiveram um certo "privilégio", coisa que pretos e morenos, para não falar dos índios, não tiveram. Com isso não podemos desconhecer as dificuldades enfrentadas pelos colonos. Mas, apesar do fato que as promessas feitas aos colonos, sempre eram diferentes da realidade que les encontravam, é um fato que a política do governo daquele tempo, "privilegiou", num certo sentido, os colonos europeus. Certo, eles não receberam tudo de mão beijada. Tiveram que lutar duramente para conquistar aquilo que hoje é deles. Mas, repetindo-lo, o governo daquele tempo, na colonização de novas terras, preferiu os colonos europeus. E os pretos e morenos, já prejudicados no tempo da escravidão, ficaram prejudicados outra vez.

Há também uma outra coisa a se ter presente quando se quer explicar a diferença dos colonos europeus para os pretos e morenos. Podemos usar a imagem seguinte:

Os colonos e os pretos-e-morenos são como duas plantas diferentes, que nasceram, cresceram e se desenvolveram em terrenos diferentes. Uma nasceu numa terra boa, na beira do córrego, enquanto que a outra nasceu numa terra velha e cansada.

As raízes dos colonos mergulharam fundo numa terra boa diferente da terra onde mergulharam as raízes dos pretos. Diferente, em que sentido? É fácil de se dizer. Os colonos nasceram numa terra de homens livres com verdadeiras tradições camponesas, ao passo que pretos e morenos nasceram numa terra de escravidão. Quando os colonos foram transplantados no Brasil, foram transplantados numa terra que estava saindo de um regime de escravidão. Os pretos e morenos que estavam saindo deste regime não tinham nenhuma tradição camponesa. Os escravos eram propriedade de seus donos assim como a terra, as ferramentas, os animais. O dono podia fazer deles o que queria: vendê-los, castigá-los, alugá-los, prendê-los e separá-los de suas famílias. Seus filhos eram chamados "crias" como os filhotes dos animais, e também eram propriedade dos donos. O dono os alimentava e vestia com o mínimo suficiente para que não adocessem e tivessem força para o trabalho. Certo, naquele tempo havia também pessoas livres, não escravas, mas eram poucas e eram pobres e elas também não tinham tradição camponesa enquanto as terras estavam nas mãos de um número reduzido de grandes proprietários.

A planta que nasce numa terra dessas, como pode virar boa? Claro que as outras plantas viram melhor! A planta que nasceu numa terra boa e que por isso vingou boa, tem direito de criticar a planta que nasceu numa terra ruim, esgotada, pobre?!

c - Fazer uma comparação entre a posse e o uso da terra na nossa região e nas outras regiões do país. Graças aos colonos, aqui temos uma região de pequenos proprietários, onde ninguém é muito rico e pouco são muito pobres. Na maioria das outras

regiões do Brasil dominam as grandes fazendas, em que poucos têm muita terra, alguns têm pouca terra e muitíssimos não têm terra. Comparando a maneira como a terra é dividida e aproveitada aqui, com a maneira como a terra é dividida e aproveitada no resto do Brasil, nós nos perguntamos: Qual a divisão das terras que dá melhores resultados? A nossa ou aquela das grandes fazendas? Aonde um pequeno agricultor tem melhores condições de viver e desenvolver?

11.3 O NOSSO COMBATE ÀS DOENÇAS

Há uns 30 ou 40 anos atrás começaram a chegar nesta região os primeiros moradores, vindos principalmente do sul do estado. O que eles toparam foi uma natureza ainda selvagem e tiveram que lutar para civilizá-la. Nesta situação peçojaram com uma série de doenças, como: empaludismo, tifo, febre amarela, amarelão etc...

Não era muito fácil lutar contra estas doenças, porque os recursos eram poucos, as distâncias eram grandes e havia poucos médicos e farmacêuticos. Para o povo não tinha outro jeito se não:

- * fazer chá, banhos, garrafadas, emplastos com raízes, folhas, flores, frutos, cascas, ervas do mato;
- * usar óleos de plantas e banhas de animais;
- * em alguns casos procurar os benzedores e curandeiros.

O uso de ervas, raízes e banhas foi um costume que o nosso povo aprendeu dos antigos e, na opinião de alguns, é dos índios que vêm pelo menos alguns destes conhecimentos.

Sabendo-se que o nosso povo não aprendeu de médicos e farmacêuticos a preparar estes remédios, dá para pensar que ele, aproveitando dos recursos e conhecimentos que tinha, foi tentando, ...tentando, ... até descobrir alguns remédios que davam certo e que ainda hoje estão dando certo.

Falando de benzedores e curandeiros, vimos o seguinte:

- * As doenças que les tratavam eram: cobreiro, espinha-la caída, impingo, izipra, mau olhado, dor d'olho, mal de Sennet, vento caído, boqueira, sapinho etc... Pode-se ver que a maioria dessas doenças são mais ou menos mansas e pode ser que às vezes o corpo sozinho conseguiu vencê-las.
- * Para tratar destas doenças o benzedor só benzia, rezava ou cozia, enquanto que o curandeiro ou tratador sempre dava uma garrafada, aplicava um emplasto ou passava alguma banha. Também os benzedores muitas vezes não só rezavam, mas ainda aplicavam um remédio, faziam uma massagem ou mandavam o doente fazer alguns exercícios com o corpo. Este jeito de tratar dá para desconfiar: Aquilo que curava o doente era a reza ou era o remédio, a massagem, o exercício com o corpo?

* Uma vez a maioria das pessoas acreditavam nos benzedores e curandeiros, enquanto que hoje muitos não acreditam mais. Quem ainda acredita diz que o tratamento de um curandeiro ou benzedor dá certo só se a pessoa tiver fé. Mas há outros que dizem que procurando essa gente para se tratar, pode se prejudicar a alma. Então, QUE FÉ É ESSA DE QUE ALGUNS FALAM? É a fé da Igreja ou é uma crença pessoal muito forte que faz com que uma pessoa acredite piamente que vai melhorar e acaba melhorando mesmo? Tem algumas pessoas que não vão à Igreja e nem tem a fé da Igreja. Vamos imaginar que um destas pessoas tenha que se tratar de um "deslameado", ou de um impingo, ou de um dor d'olho etc... Será que um tratador conseguiria curar esta pessoa que não tem a fé da Igreja?

Hoje em dia temos mais recursos para combater as doenças; inclusive temos mais vacinas, mais médicos, mais farmacêuticos, mais hospitais e ainda temos a assistência do Sindicato e do INPS.

Ao que parece o povo hoje tem mais confiança nos médicos e farmacêuticos, porque eles estudaram mais, conhecem mais as doenças e se diz também que eles receitam remédios melhores. De fato o povo hoje em dia aproveita mais estes recursos porque tem mais condições para isso.

Mas nem com os médicos tudo é tão fácil assim. Os pais apontaram as seguintes dificuldades:

- Às vezes é difícil chegar para conversar com um médico.
- Às vezes os médicos não dão muita atenção.
- Às vezes não se encontra o médico na hora que se precisa.
- As consultas e os remédios são muito caros.
- Internar um doente, às vezes, é difícil e as pessoas nem sempre ficam satisfeitas com o atendimento do hospital.
- Muitas vezes o médico receita um remédio... depois receita outro... depois manda voltar... manda fazer um exame... manda fazer outro exame... e assim a gente vai gastando uma nota.
- É muito difícil o médico receitar um remédio que pode ser preparado em casa. Uma consulta do médico acaba quase sempre com uma receita para comprar os remédios da farmácia.

Um agricultor falou: "Com médico e farmacêutico o negócio é o seguinte: Se tiver dinheiro as coisas saem tudo fácil, mas se não tiver o dinheiro!..."

Discutindo tudo isso com os alunos, a conclusão a que chegamos é que é bom confiar nos médicos, porque precisamos deles e eles podem ajudar em muitas coisas. Mas desconfiar um pouco também é bom!

Procurar os médicos para qualquer caso de doença pode viciar, porque no fim podemos acabar pensando que só eles sabem cuidar direito da nossa saúde. Será que nós também não sabemos cuidar da nossa saúde e tratar de algumas doenças? Muitos dos nossos remédios caseiros não continuam dando bons resultados?!

Portanto, ao que parece, não devemos dispensar o tratamento dos médicos e os remédios da farmácia e nem os nossos remédios feitos em casa.

11.4 OS REMÉDIOS POPULARES

A pesquisa feita mostra que o nosso povo, pela experiência acumulada durante muitos anos, sabe tratar com ervas, raízes, banhas, chás, óleos etc... um grande número de doenças. E a experiência parece mostrar que muitos destes remédios davam certo e continuam dando.

Hoje em dia, em caso de doença, se recorre muito mais aos remédios da farmácia. Parece que os remédios caseiros estão sendo um pouco esquecidos.

A este ponto nos perguntamos: "Será mesmo que os remédios caseiros têm sempre menos valor que os remédios da farmácia? Será que os remédios da farmácia merecem mais confiança do que os remédios de casa?"

Para nós é difícil provar pela ciência se todos esses remédios caseiros são bons. Outros, mais entendidos no assunto, como por exemplo: médicos, cientistas, pesquisadores etc... poderiam fazê-lo. E seria até bom que o fizessen! A pesquisa poderia dar resultados muito interessantes. E, quem sabe que com isso o povo não poderia passar a aproveitar melhor os seus remédios caseiros!? (1)

Por enquanto, a única coisa que temos para avaliar esses remédios caseiros é o testemunho de muita gente que depois de tê-los experimentados diz que dão certo.

Tem porém algumas maneiras de tratar que nos deixam um pouco na dúvida, principalmente quando se trata de benzimentos, simpatias, alguns remédios esquisitos ou coisa parecida.

Concluindo: Se de um lado está errado deixar completamente de lado ou até sentir vergonha dos remédios caseiros, do outro lado porém não podemos ter uma confiança cega em todos eles.

E o que dizer dos remédios das farmácias?

- 1ª - Até hoje as doenças conhecidas são mais ou menos 500 e nas farmácias podemos encontrar perto de 20.000 remédios diferentes. Por que isso?
- 2ª - Lendo as bulas de muitos remédios vemos que são indicados para muitas doenças diferentes ao mesmo tempo. É como dizer: Você deve ter uma ou outra destas doenças. Tome e vá em paz, que tudo vai dar certo.

(1) Em VEJA, 9 de fev. de 1977. nº440. pag.48, temos:
"A Central de Medicamentos (CEME), organismo do governo federal decidiu recentemente atacar o drama da carência de remédios no interior do país da maneira mais óbvia e também menos lembrada - destinou 6,4 milhões de cruzeiros para a pesquisa científica sobre plantas medicinais. Pode chegar o dia, sonha-se na CEME, em que o resfriado de um boia-fria não precisará mais pagar royalties para ser curado. A receita estaria na tradicional erva caseira do fundo do quintal."

Para não falar da escrita difícil das bulas! Quem de nós entende aquilo que está escrito numa bula de remédios? Sabendo que aquele remédio será tomado por pessoas comuns do povo, sem muito estudo, não seria possível dizer as mesmas coisas com palavras mais simples?

- 3º - Muitas vezes fazem propaganda de remédios inúteis. Um folheto de propaganda, por exemplo, dizia mais ou menos o seguinte: "Você é uma daquelas pessoas que come demais e depois têm problemas de digestão? Não se preocupe. Continue comendo demais. Tome porém este remédio aqui, e você nunca mais terá problemas de digestão". Qualquer um de nós, com um pouco de bom senso, diria: "Você é um cara que come demais e depois tem problemas de digestão? Coma menos!" Mas a propaganda das farmácias não diz isso, se não perderia os lucros.
- 4º - Muitos remédios são vendidos sem as devidas precauções e sem especificar os possíveis efeitos negativos ou contra-indicações que os tornam perigosos em determinados casos. Muitos remédios que só poderiam ser vendidos sob apresentação de receita médica, são vendidos livremente.
- 5º - Hoje em dia se vende um exagero de fortificantes. Alguns jornais já denunciaram que alguns destes fortificantes podem até prejudicar a saúde e o crescimento das crianças. E esta fartura de fortificantes pode nos fazer esquecer que o melhor fortificante é uma boa comida.
- 6º - Os jornais dizem que nas farmácias do Brasil encontram-se à venda um exagero de estimulantes do apetite. Parece até que a maioria dos brasileiros tem fartura de alimentos mas não tem fome. Ao contrário, parece que muitos brasileiros estão com fome e não têm comida suficiente.

Tudo isso nos leva a concluir que muitos remédios das farmácias são vendidos visando o lucro e não a saúde. Alguns remédios são inúteis, outros podem ser até perigosos e muitos são vendidos sem precauções.

Podemos, então, depositar nos remédios das farmácias, uma confiança total? Como dissemos da outra vez: "Confiar é bom, mas desconfiar também não é ruim".



OS REMÉDIOS
TAMBÉM MATAM!

11.5 A CULTURA DA MANDIOCA

NOME	Pés de mandioca de 4 ou 5 anos atrás	Pés de mandioca deste ano
NELSON	8.000	80.000
MILTON	1.800	30.000
ADGAR	10.000	25.000
MIGUEL	2.000	17.500
CLAUDEMIRO	7.000	16.000
CLÓVIS	4.000	8.000
EVANIR	3.500	6.000
CLAUDEMIR	500	5.000
BELMIRO	4.000	5.000
ANTÔNIO	-	3.000
LÚCIO	1.500	3.000
ALTAIR	30.000	15.000
PÉRICLES	10.000	5.000
VITORINO	10.000	5.000
ADEMIR	6.000	4.000
VALDEMIR e WALDIR	10.000	2.000
NATALINO	1.000	10
GILSON	400	200
JOÃO	500	1.000
RONALDO	1.500	1.000

A tabela acima representa a situação da cultura da mandioca nas nossas propriedades. Olhando a tabela podemos fazer as seguintes observações:

1ª - Nos últimos anos em 11 propriedades a produção da mandioca aumentou do dobro e, às vezes, até muito mais que isso. É que alguns agricultores já tinham notado que a mandioca estava tendo uma boa saída e por isso plantaram mais.

2ª - Sempre nos últimos anos em 5 propriedades a produção diminuiu. Isto parece ter acontecido porque anos atrás a mandioca quase não tinha valor e os agricultores desanimaram de plantar.

3ª - Enfim, notamos que em 4 propriedades a produção de mandioca nunca foi muito grande.

Mais algumas observações:

1) Reparamos que as VARIEDADES de mandioca plantada são muitas. Os alunos fizeram as listas seguintes:

VARIEDADES DE AIPIM: branco, roxo, rosa, ponro roxo, cacau, arara, ararin, saracura, branquinha, manteiga, talo vermelho, cinco minutos, canoa ou vara de canoa, rabanete.

VARIEDADES DE MANDIOCA BRAVA: mandioca brava, margarina, changona, periquito, gravetinha, arrônica, veadinha, formosa, formosinha, alecrim.

São 24 variedades, cada uma com seu nome. Isto mostra que a mandioca é uma cultura muito popular.

2) ESCOLHA DO LOCAL: a mandioca é uma cultura que se dá bem mesmo em terras não muito boas. A maioria dos agricultores planta mandioca no meio do café novo, principalmente no noroeste.

Esta prática traz as seguintes vantagens:

- É aproveitada a terra entre as carreiras de café.
- A mandioca é a cultura que se dá melhor no meio do café.
- Plantando mandioca no meio do café, é mais fácil que sobre um pedaço de terra, na propriedade, para o milho.
- A mandioca sombreia o café novo.

Mas tem também algumas desvantagens:

- A mandioca tira a força do café.
- O café não cresce bem, fica amarelado e não carrega bem.
- Na hora da colheita, se tiver mandioca no meio, atrapalha.

3) As DIFICULDADES encontradas para cuidar direito do mandiocal são as capinas para combater o mato e estar sempre em cima para combater as formigas, que comem tudo. Uma vez era mais difícil combater as formigas, porque não tinha remédios bons.

4) As VANTAGENS de ter um mandiocal na propriedade são:

- Fazer farinha e polvilho para o gasto.
- Preparar comida para as criações.
- Economizar milho.
- Enfim, vender. E hoje se vende mais que no passado e a um preço melhor.

5) O PREÇO atual de um carro de mandioca é de Cr\$. 3.000,00 contra os Cr\$. 300,00 de alguns anos atrás. Um saco de farinha que valia uns 20,00 Cr\$. já passou para 180,00 ou 200,00 Cr\$.

Por que o preço da mandioca subiu tanto?

As causas apontadas foram:

- Hoje há mais farinhadeiras e mais comércio.
- A farinha está sendo comercializada também em lugares que não produzem mandioca.
- Nada mais produz com fartura, como uma vez. A mandioca começou a ficar em falta e o preço subiu.
- A farinha subiu porque nada hoje é barato. Tudo tem valor e pode ser vendido.
- Uma vez a mandioca tinha poucas utilizações: fazer farinha e preparar comida para as criações. Hoje, deve ter outras utilizações. Pelo menos é aquilo que alguns dizem, mesmo se ninguém sabe dizer com certeza quais são estas outras utilizações. Fala-se por aí que estão tirando álcool da mandioca para substituir, em parte, a gasolina, que está muito cara. Mas aquilo que se sabe sobre isto é bem pouco.

O fato é que o preço subiu. O difícil é dizer por que subiu. Os motivos deste aumento de preço não são bem claros, pelo menos para nós.

Todos sabemos que a farinha é uma comida fraca, mas, ao mesmo tempo é uma comida muito comum. A maioria dos brasileiros não come sem farinha. Será que o comércio não está se aproveitando deste costume para lucrar o mais que pode?

Ou será que o preço está subindo porque algumas indústrias estão querendo tirar álcool da mandioca?

O atual aumento de preço está favorecendo aos agricultores e aos comerciantes, mas está prejudicando aos consumidores, isto é, aqueles que vão comprar farinha no comércio.

Para os agricultores este aumento de preço trouxe mais animação para plantar. Animados não estão só os proprietários, mas os meeiros também.

Conclusão: Um aluno escreveu: "O preço atual ajuda aos pobres que produzem mandioca e prejudica aos pobres que compram farinha." Esta nos pareceu uma observação muito fina, que nos obriga a pensar naquilo que está por trás deste aumento de preço.

11.6 O CLIMA EM NOSSA REGIÃO

Fica meio difícil estabelecer com certeza as épocas das chuvas, de antigamente e de hoje. Mesmo assim os agricultores afirmam que uma vez chovia mais. Hoje em dia, parece que a seca está cada vez mais castigando as culturas e as chuvas muitas vezes atrasam. Este ano, por exemplo, o atraso da chuva prejudicou o plantio de feijão e a seca de dezembro-janeiro prejudicou a colheita de milho e feijão.

As épocas em que os agricultores mais precisam de chuva são os meses de Março-Abril e Setembro-Outubro, isto é, os meses de plantio das culturas brancas.

Não é só a falta de chuva que está prejudicando as culturas. Tem também os insetos e o enfraquecimento da terra. Será que falta de chuva, insetos e enfraquecimento da terra não estão ligados um com o outro?! Será que uma coisa não tem nada a ver com as outras?!

A seca além de prejudicar as culturas traz também outras desvantagens: dificulta o trabalho, dá muita poeira, seca os córregos e resseca o solo.

Por que as chuvas estão diminuindo?

1º - Muitos dizem que se não chove é porque Deus não quer, ou porque é um castigo de Deus ou porque os homens não rezam mais.

Mas os alunos das escolas, estudando, descobrem que a chuva é um fenômeno da natureza, que não tem nada a ver com milagre. Então, como combinar as duas coisas? Isto é, a chuva vem de Deus ou vem da natureza? -

Quando um carro enguiça, a culpa não sempre é de quem construiu o carro, e sim pode ser de quem usou o carro. Como não soube usá-lo direito, estragou-o.

Quem construiu este mundo foi Deus mesmo, e ele o fez muito bem, de maneira que não faltassem as chuvas e todas as outras coisas que os homens precisam. Porém, Deus entregou este mundo bom feito na mão dos homens e agora os responsáveis pelo bom funcionamento do mundo são os próprios homens.

Se não chove mais como antigamente, será que é porque Deus não quer ou não será porque os homens estragaram aquelas coisas, criadas por Deus, que nos davam a chuva?! As matas, por exemplo!

E se continuar a chover cada vez menos, será que adianta muito ficar só rezando? Deus entregou este mundo, por ele criado, não a crianças, e sim a homens adultos e responsáveis. E se estes homens estragaram, em parte, o que Deus fez tão bem, a quem cabe o dever de consertar as coisas? Ao próprio Deus ou aos homens?

2º - Muitos dizem que se não chove é porque estão acabando com as matas. Eles dizem que as matas puxam as chuvas. Os agricultores mesmos constatarem que quando tinha as matas chovia quase todos os dias e hoje chove bem menos.

Nas escolas os alunos aprendem que as plantas seguram muitas das águas das chuvas, depois as chupam para o seu sustento e enfim lançam no ar uma grande quantidade de vapor de água que, em seguida, forma as nuvens e daí outras chuvas.

Aonde não tem matas, as chuvas provocam enxurradas, as águas vão logo para os córregos e são levadas embora. A terra resseca cada vez mais, tem pouca evaporação da terra e das plantas, se formam poucas nuvens (que o vento pede até acarrugar embora), e assim vai chovendo cada vez menos.

Se o IBDF e o governo estão baixando leis para não acabar com as matas, deve ser porque eles também estão vendo que a situação não está muito boa e acham que com as matas o ambiente e as terras ficam melhor conservadas. É claro que aonde não chove as terras não se conservam bem. Então, deve ser que o IBDF e o governo também acham que conservando as matas se favorecem as chuvas.

Pensando no futuro

Alguém está preocupado que o norte do Espírito Santo vire deserto. Isso já foi escrito em alguns jornais e revistas. Talvez seja um pouco exagerado.

O deserto é um lugar aonde não chove e aonde não se produz nada porque as plantas não têm condições de viver.

Se por aqui estamos notando uma diminuição das chuvas e uma diminuição das produções, devemos nos preocupar. Será que não estamos a caminho do deserto? O que podemos fazer para não chegar lá? Temos que pensar!

11.7 AS PRAGAS QUE ATACAM AS NOSSAS CULTURAS

As pragas mais comuns por aqui são: as formigas saúvas, os vários tipos de lagartas, os vários tipos de besouros, os grilos e as brocas.

As culturas mais prejudicadas são: milho, feijão, horta, café e pasto, isto é, quase todas as culturas.

Nestes últimos anos apareceram outros insetos: o besourinho do feijão, as formiguinhas "quen-quen" e as cigarrinhas do pasto.

O prejuízo que estas pragas estão dando é bastante grande. O ano passado, por exemplo, o besourinho do feijão provocou bastante danos.

Por que temos tantos insetos?

1º - Alguns dizem que a seca favorece os insetos. Foi difícil para nós saber se isto está certo e estabelecer quais seriam os insetos que mais atacam as plantas durante a seca. Uma coisa, talvez, esteja certa. Durante a seca as plantas sofredoras, não vingam bem e ficam meio fracas, porque o solo também enfraquece com a seca e as plantas não encontram nele o alimento necessário.

Ora, uma planta fraca pode ser mais facilmente atacada pelas pragas e sofrer maiores prejuízos. O mesmo acontece com as pessoas. Uma pessoa fraca pega doença com muito mais facilidade do que uma pessoa forte e bem alimentada.

2º - Nos jornais e revistas alguns escrevem que o aumento de insetos que prejudicam à agricultura é devido à caça que está acabando com certos animais que se alimentam com estes insetos.

Todos sabemos, por exemplo, que o tatu come formigas, o tamanduá também e o lagarto mais ainda. Alguns dizem que o tatu cava buracos na terra e estraga os mandiocaes. Por isso foi muito caçado. Tem, porém, outros bichos de Mato que talvez estejam sendo caçados pelo simples gosto da caça e de comer a carne deles.

Pocas vezes, porém, nós nos perguntamos se estes bichos que caçamos não trazem também alguns benefícios, superiores aos possíveis danos.

Na América do Norte, por exemplo, anos atrás, os agricultores caçaram, até quase acabar com eles, os coiotes, que eram bichos de Mato que às vezes assaltavam e matavam algumas ovelhas dos agricultores. Os coiotes, porém, comiam também os coelhos de Mato. Quando os coiotes acabaram, os coelhos de Mato aumentaram muito de número e acabaram com as pastagens. As ovelhas dos agricultores ficaram assim mais prejudicadas ainda.

Será que por aqui não poderá ocorrer nada de parecido?

3º - Outros dizem que os insetos aumentaram porque estão acabando com as matas. Os insetos que antes viviam e se alimentavam nas matas, invadiram as culturas trazendo muitos prejuízos. Este é um negócio que merece ser bem pensado.

Conclusão:

Os agricultores costumam combater quase só as formigas. Para combater todas as outras pragas precisariam de mais recursos para comprar os remédios necessários e muitas vezes para eles é difícil saber quais são os remédios certos para combater algumas destas pragas.

Contudo, parece que eles estão bastante acostumados com estas pragas. Alguém chegou até a dizer que não adianta muito combatê-las, porque quando você acaba com uma, logo aparece uma outra.

Será mesmo que não vale a pena tentar o combate das pragas? E se elas aumentarem, o que vamos fazer?

11.8 O ENFRAQUECIMENTO DAS NOSTRAS TERRAS

As terras mais velhas que existem nas propriedades são destinadas principalmente ao pasto e à cultura da mandioca, que são as culturas mais resistentes.

As terras mais novas são destinadas principalmente à cultura do café, do feijão e do milho.

Acontece porém que nem sempre os agricultores dispõem de terras novas para estas culturas; e, então, eles aproveitam a terra que têm, mesmo se for velha.

As terras mais velhas foram desmatadas não mais do que 30 anos atrás e já estão dando alguns sinais de cansaço e fraqueza. De fato os agricultores estão notando uma certa queda de produção em muitas culturas, sobretudo no feijão e milho, que nem aguentam a seca e o ataque dos insetos.

Uma pessoa, que só vive no máximo até 60 ou 90 anos, quando está na idade dos 30 ou 40 anos, de jeito nenhum pode ser considerada velha, e nemos que não seja muito doente e maltratada. E a terra, que deveria durar toda vida, como é que depois de 30 ou 40 anos já está dando sinais de velhice?

Procurando as causas:

- 1ª - As terras foram abertas com queimada.
O fogo oferece muitas vantagens:
 - Poucas pessoas em pouco tempo fazem muito serviço
 - O terreno fica bem limpo
 - É mais fácil plantar e colherO fogo traz também algumas desvantagens:
 - Em lugares muito arborizados favorece a erosão
 - Além disso, o fogo estraga a terra, principalmente se a época for muito seca.
- 2ª - O café, que é a cultura principal da região, é plantado do norro acima. Isto traz vantagens e desvantagens:
 - O trabalho de limpa exige menos mão-de-obra e é mais fácil
 - Mas a chuva pode provocar enxurradas e abrir valotas entre as acroceiras.
- 3ª - No meio do café costumam-se plantar muitas outras culturas, que servem para o gasto da família: milho, feijão, mandioca, cana...
As vantagens disso são:
 - Limpando o feijão ou o milho você limpa também o café e com isso ganha tempo
 - A terra é aproveitada ao máximo.As desvantagens são:
 - O alimento que as plantas tiram do solo tem que ser dividido entre todas as culturas e talvez não dê bem para sustentar todas elas. É como se a comida preparada na casa para um pessoa tivesse que ser repartida entre 4 ou 5 pessoas. Todas elas comeriam um poquinho, mas nenhuma comeria o suficiente.

Procurando as possíveis melhoras:

- Poderia-se tentar de evitar o fogo, pelo menos em alguns casos.
- Poderia-se pensar se o café plantado em curva de nível não traz mais vantagens do que o café plantado de morro acima.
- Depois dos primeiros anos, poderia-se evitar de plantar outras culturas no meio do café. Mas, para isso, o agricultor deveria poder ter mais terras para o plantio das outras culturas. Então, o que fazer?
- Arar também ajuda. E, ao que parece, esta é uma prática que está se alastrando. O problema é que a nossa região é muito amorrada e isso atrapalha um pouco.
- Adubar também pode ajudar. O adubo químico, porém, custa caro e o agricultor não tem muitos recursos para isso. Além do mais, em áreas pequenas, a adubação química pode não ser econômica. Então, o que fazer? Temos o esterco do curral. Será que não poderia ser melhor aproveitado?

Conclusão:

Alguma solução tem que ser encontrada. Talvez possa ajudar misto o Sindicato, a Cooperativa, o Banco, a Enater, o IBC etc.... porque as terras aonde vivemos, além de servirem para as nossas famílias de agora, deveriam servir também para as famílias que virão no futuro.

A menos que não pensem de largar as terras daqui para ir à procura de terras novas em outras regiões do país. Neste caso, a nossa região viraria o que?

11.9 O DESMATAMENTO E A CAÇA EM NOSSA REGIÃO

Observações sobre as madeiras:

1º - Os agricultores sempre precisaram usar das madeiras para muitas necessidades: construir a casa, fazer um cerca, ter lenha, fazer porteiros e mata-burros etc.... Isto fez com que eles tenham agora um conhecimento muito grande das madeiras.

É incrível o número de nomes de madeiras que eles conhecem, e sabem distinguir com extrema facilidade uma madeira da outra, mesmo de longe. Eles conhecem muito bem as características de cada tipo de madeira.

Eles sabem, por exemplo, qual é a madeira melhor para fazer estacas, postes, dormentes, curral, pontes, travessas, lenha... Eles sabem também se a madeira tal tem muito corvo ou muito branco, se é fácil de se serrar ou lascar, se tem cheiro e que cheiro tem, se é facilmente atacada pelo cupim, se a casca serve para fazer chá ou outros remédios etc.... Enfim, conhecem o fruto ou semente que cada madeira dá, em que lugar desenvolve melhor e quanto tempo gasta para se formar.

Eles aprenderam tudo isso não estudando nos livros, aliás os livros falam muito pouco sobre isso, mas através do uso que eles fizeram dos diferentes tipos de madeira.

2º - Anos atrás, pelo fato que não tinha comércio de madeira, a muita madeira boa que tinha era queimada quando se faziam as derrubadas. Assim, uma enorme riqueza, que a natureza gastou milhares de anos para formar, em poucos anos foi destruída. Hoje, o comércio de madeira está melhor, mas quase não tem mais madeira.

3º - A necessidade de ter terra para a agricultura, sempre obrigou os agricultores a derrubar as matas que tinham nas propriedades. O pouco que ainda sobrou é considerado de pouco valor, inclusive porque tem pouca madeira boa, e, em vista do bom preço atual do café, muitos estão pensando em acabar com estes restos de mata e plantar café, que dá mais lucro que as matas.

Observações sobre a caça:

1º - Os colonos que vieram para o Brasil, trouxeram da Europa alguns animais mansos para serem criados ao redor da casa: galinhas, porcos, patos, gato, cachorro, etc... Aqui, eles encontraram bichos estranhos que atacavam suas criações, dando prejuízo. Por exemplo: raposa, gato-do-mato, onça, lontra, jacaré, gambá, lagarto etc... A caça foi o meio encontrado para acabar com estes bichos que davam prejuízo.

2º - Os colonos sempre cuidaram de lavouras, e as terras para as lavouras sempre foram conseguidas derrubando as matas. Os bichos e os pássaros que antes viviam dentro das matas, a medida que a moradia deles foi sendo destruída, foram procurar seu alimento no meio das lavouras, dando prejuízo. Por ex.: tatu, porco-do-mato, capivara, pássaros etc... Neste caso também a caça foi o meio encontrado para diminuir os prejuízos.

3º - A caça foi também praticada como um meio para-se conseguir carne para o gasto da família e como diversão. A caça como diversão levou e está levando a alguns exageros: se atira em tudo que aparece na frente, principalmente hoje que não tem muita possibilidade de escolha, uma vez que os bichos maiores já acabaram.

Controlar através da caça o aumento dos animais prejudiciais à agricultura, é bom. Mas, uma vez que a caça é também uma diversão, não existe o perigo de exagerar? Não existe o perigo de acabar também com alguns animais que trazem benefícios? Será que só os animais que criamos ao redor de casa é que são uma riqueza para nós? E os animais do mato, não valem mesmo nada? Não servem para nada? Não são também uma riqueza?

A caça é uma diversão. Mas se não mancar um pouco e se continuar a caçar em continuado, matando os bichos grandes e os pequenos, adultos e filhotes, não tem o perigo que, daqui a alguns anos, esta diversão acabe também?

11.10 AS SAÍDAS PARA RONDÔNIA

Lá para 1970/71 algumas famílias das nossas comunidades começaram a sair para Rondônia e estas saídas ainda continuam. Aquilo que favoreceu estas saídas foi a abertura da estrada Cuiabá-Porto Velho. Com isso chegaram até aqui notícias de que em Rondônia havia muitas terras, baratas e boas. Estas notícias foram se espalhando bastante rapidamente em nossas comunidades. Algumas pessoas andaram mostrando filmes de Rondônia e a empresa de ônibus S. Gabriel foi organizando viagens turísticas até lá. Assim quase que espontaneamente e sem pensar muito, começou um pequeno êxodo para Rondônia de famílias de agricultores.

Falam que as terras de Rondônia são muitas, são baratas e são boas, enquanto que aqui em nossa região as terras estão ficando poucas, cansadas e caras. As terras de Rondônia seriam assim a solução tanto para os neciros que aqui não têm terra própria, quanto para os pequenos proprietários que querem melhorar a sua situação.

É mais do que certo que as terras de Rondônia são muitas; que sejam baratas também pode-se acreditar, mas que todas elas sejam boas.... Alguns agricultores que visitaram Rondônia nestes últimos tempos, voltaram não muito satisfeitos com as terras de lá.

Mas, mesmo acreditando que as terras de lá sejam todas boas, de que adianta uma terra boa se não tem estradas, se não tem comércio, se as distâncias são grandes, se o custo da vida é muito alto enquanto que o produto que se vende é barato?!... Sem levar em conta o problema de clima, de doenças, de assistência médica, de escolas etc...

O fato que algumas das famílias que foram para lá já voltaram, mostra que a situação não deve estar tão boa como se fala. A menos que não se diga que tudo depende da vontade de trabalhar e que quem tem esta vontade consegue o que quer e quem não tem vontade de trabalhar, nada. Mas também neste caso pode-se perguntar: "De que adianta a vontade de trabalhar se a propriedade fica muito retirada do patrimônio, se não se consegue vender bem aquilo que se produz e se tudo aquilo que se compra tem que ser pago muito caro?!... Numa situação dessa, mesmo um cara que tenha muita vontade de trabalhar, se estrepa!"

A esta altura relembremos a história dos nossos antigos. A maioria deles veio da Alemanha ou Itália. Ali eles estavam passando dificuldade. Vieram para o Brasil porque se falava que aqui tinha muitas terras, terras boas e fáceis de se conseguir. Se estabilizaram no sul do estado e começaram os trabalhos de derrubada para formar as lavouras, encontrando muitas dificuldades. Mas o sul cresceu e progrediu. A uma certa altura os descendentes dos primeiros colonos começaram a passar dificuldade também no sul, porque a população aumentou e as terras começaram a ficar poucas, caras e cansadas. Muitos deles vieram, então, para o nordeste porque aqui tinha muitas terras, terras boas e terras baratas. Aqui começaram outra vez os trabalhos de derrubada para formar as lavouras, encontrando muitas dificuldades. Mas assim o nordeste também cresceu e progrediu, e hoje a situação daqui parece melhor do que a situação do sul. Mas também aqui o povo aumentou, as terras

estão ficando caras e um pouco cansadas. Assim alguns saem para Rondônia à procura de terras novas.

A história, como podemos ver, vai se repetindo. Onde vamos parar com isso? Não dá a impressão que se está sempre atrás de "caçar" terras novas, deixando para trás as terras um pouco velhas e já exploradas? Deste jeito podemos dizer que a nossa agricultura está progredindo ou que está marcando passo? Ir para Rondônia resolve os problemas da agricultura daqui? Não existem outras soluções melhores?

Então, o que pensar daqueles que decidem de largar as terras daqui e ir em Rondônia?

Alguns acham que ^{não} eles estão muito certos, porque eles correm o perigo de se desfazerem do pouco que têm aqui, ir para Rondônia, ter que voltar e acabar ficando sem nada.

Outros acham que eles estão certos porque é uma tentativa de melhorar a situação de vida. Isso vale principalmente para aqueles que pouco ou nada têm aqui.

Mas será que um neceiro ou um pequeno proprietário têm condições de melhorar a sua situação indo para Rondônia? Alguns dizem que precisam muitos recursos para a coisa poder dar certo lá. Mas então, isso não resolve problema nenhum, porque um pequeno é pequeno porque não tem muitos recursos. Se tivesse muitos recursos não seria tão pequeno e nem tão pouco seria neceiro. Se não tem recursos para melhorar a sua situação daqui, aonde é que ele vai achar os muitos recursos necessários para a coisa dar certo lá?! Se em Rondônia tem vez só para aqueles que têm muitos recursos, então não tem vez nem para os pequenos proprietários e nem tão pouco para os neciros.

Só alguns dos pais dos alunos pensam em ir para Rondônia porque aqui eles têm pouca terra ou são neciros. A maioria deles prefere ficar por aqui mesmo porque já custou muita fadiga conseguir aquilo que tem, e agora que estão colocados e podem aproveitar o trabalho feito, mesmo se têm algumas dificuldades, não acham bom largar as terras daqui, também porque aquilo que conseguiram aqui não podem levar para lá.

11.11 AS SAÍDAS PARA A CIDADE

Na nossa região não há muitas famílias ou pessoas que saem para a cidade. E o lugar deixado por uma família que sai é logo ocupado por outra que chega, de maneira que podemos dizer que, por enquanto, não está havendo um despovoamento das nossas comunidades.

Se as saídas são poucas é sinal de que a agricultura aqui está indo bastante bem, dá uma boa renda e as pessoas não são muito incentivadas a sair; inclusive vimos casos de alguns que já tentaram o emprego na cidade e depois voltaram para a roça, convencidos de que a lavoura é um emprego melhor e dá mais lucro.

Daquelles que saem, alguns procuram os grandes centros industriais: Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto que a maioria procura os centros menores: Vila Valério, São Gabriel, Colatina e Linhares.

Então: sair para a cidade muitas vezes não significa ir para muito longe, mas simplesmente ir morar na rua, onde existem melhores possibilidades de estudo para os filhos e de se empregar no comércio.

Aquelles que saem, saem pelos seguintes motivos:

- ou porque estão meio desanimados com o serviço da roça que mal dá para comer;
- ou porque tem pouca terra e muitos filhos;
- ou porque são empregados e ganham um salário baixo;
- ou porque são ricos e não vêem como adquirir terra própria;
- ou para estudar os filhos.

As vantagens de um emprego na cidade, na opinião de alguns, são os seguintes:

- se aprende mais coisas ao passo que na roça se sabe só pegar no cabo da enxada;
- se ganha mais ao passo que na roça muitos ricos e empregados ganham pouco;
- o salário é garantido, isto é, sai a cada 15 dias ou a cada mês, enquanto que na roça só se vê o cheiro do dinheiro na época das colheitas;
- o emprego na cidade dá possibilidade de estudar os filhos, ao passo que na roça as distancias são grandes e há poucos colégios.

Será que tudo isso é verdade?

É verdade que quem trabalha na roça só sabe pegar no cabo da enxada? Não tem ele que saber lidar com muitas culturas diferentes? Para cada cultura não tem que saber que variedade plantar, quando plantar, aonde plantar, como tratar, como beneficiar e armazenar, como comercializar?! Tudo isso é pouca coisa? Será que aprendem muitas coisas aqueles que trabalham numa indústria e ficam a vida toda repetindo a mesma operação de trabalho?!

É verdade que na cidade se ganha mais? Adianta muito ganhar mais se o custo da vida for muito maior que no interior? E, querendo, poderíamos acrescentar mais coisas ainda.

Vinos que atualmente as saídas para a cidade não são muitas, mas o problema poderá se agravar daqui a alguns anos. De fato, temos muitos jovens estudando e parece que os estudantes não gostam da roça. Eles dizem que não adianta estudar para ficar na roça. Eles gostam mais é da cidade.

Então, nós nos perguntamos:

1º - Por que um estudante geralmente não gosta da roça? O que é que falta na roça para segurar estes jovens? Na discussão com os alunos saiu o seguinte:

- Seria preciso uma certa mecanização agrícola para tornar menos pesado o trabalho na roça;
- Seria preciso dar mais valor ao trabalhador rural;
- Seria preciso mais apoio por parte do governo.

2º - Todos os estudantes sonham com um bom emprego na cidade, depois de formados. Mas será que vai ter vagas para todos? A escola serve só para resolver o problema do emprego? Será que ela tem condições de resolver o problema do emprego? A escola pode até formar muito bem os jovens (o que não sempre acontece!), mas se não tiver vagas no mercado de trabalho, o que a escola pode fazer? A quem cabe a solução deste problema?

3º - Os estudantes, às vezes, pensam que na cidade tudo é mais fácil e tudo é melhor que no interior. Eles estão com o pensamento voltado só para a cidade e talvez nem pensem que cidade e campo crescem juntos. Haveria crescimento da cidade se ao mesmo tempo não houvesse crescimento do campo? Todas as pessoas que vivem na cidade poderiam viver se não houvesse no campo aqueles que produzem os mantimentos? Na cidade há muito comércio. Seria possível todo este comércio se no campo a produção e a renda fossem baixas? O campo não teria condições de produzir e vender tudo o que produz se não houvesse a cidade e do outro lado a cidade não teria condições de produzir e vender o que produz se também o pessoal do campo não tivesse condições de produzir, vender e comprar. Enfim, um completa o outro. No dia em que a cidade desprezar o trabalho do campo, ou vice versa, os dois iriam de água abaixo. Então, de onde é que vem esta idéia de que a cidade é sempre melhor que o campo?

11.12 OS DITADOS POPULARES

Aqui vai o resultado da nossa pesquisa sobre os ditados populares. Dependendo do interesse de cada um, esta pesquisa poderá ser continuada e completada.

Tentamos classificar os ditados pesquisados. Dividimo-los de acordo com os assuntos tratados e dentro de cada assunto separamos:

1. Os provérbios populares
2. Os dizeres de parachoques de carinhão
3. Os pensamentos

OS PROVÉRBIOS POPULARES

O povo é sabido. Os provérbios o mostram. Eles são, provavelmente, a mais autêntica expressão da sabedoria popular. Através deles o povo expressa com poucas palavras e com um certo humorismo o que ele pensa da vida e de seus problemas.

A vida é uma coisa muito séria, mas não tão séria assim que não se possa rir um pouco dela. Os provérbios mostram que o povo sabe rir de si mesmo, de seus defeitos e de suas dificuldades, de suas alegrias e de suas dores. E parece que com isso ele consegue amenizar a dureza da vida e ir em frente sem exagerar esta dureza, o tirando tudo por menos. O povo toma a sério a vida, mas sabe também brincar com ela, mesmo se, às vezes, o sorriso que estes provérbios provocam, deixa a boca um pouquinho ararga.

OS DIZERES DE PARACHOQUES DE CARINHÃO

São uma moda bastante recente. Estes dizeres querem imitar os provérbios, mas, na maioria, são mais parecidos com piadas do que com provérbios verdadeiros.

De fato, estes dizeres visam provocar o riso ou até mesmo a gargalhada de quem lê. A preocupação de quem inventa estes dizeres é a de encontrar uma frase ou uma imagem que vá despertar a risada. Para isso, às vezes, são aproveitadas frases e imagens de provérbios e pensamentos populares, que são porém modificadas com a finalidade de provocar gargalhadas.

O resultado é que algumas vezes temos humorismo, mas muitas vezes temos mais sarcasmo, ironia e até mesmo cinismo e sem-vergonhagem.

Temos que dizer, porém, que não todos os dizeres de parachoques são deste tipo. Muitos dizeres são parecidos com verdadeiros provérbios e expressam uma verdadeira sabedoria.

Dizíamos que os dizeres dos parachoques são uma moda bastante nova, como bastante nova é a profissão de chofer de carinhão. Quantos destes dizeres conseguirão ficar e serão lembrados por tanto tempo, como os verdadeiros provérbios?

OS PENSAMENTOS

Muitos jovens têm o gosto e o capricho de gravar e até copiar em cadernos uma série de pensamentos sobre a vida, a amizade, o amor etc... que se encontram em tantos livrinhos, almanaques e outros folhetos espalhados por aí.

As vezes estes pensamentos são parecidos com provérbios, enquanto são frases simples, curtas e de fácil memorização.

Mas são diferentes dos provérbios porque visam transmitir certos conselhos para a amizade, o namoro, o casamento, a convivência social, a vivência cristã etc.... Uma palavra, são mais parecidos com uma lição de moral do que com um verdadeiro provérbio. E mais, a maioria destes pensamentos não saíram da cabeça do povo, e sim são adaptações, traduções e repetições de pensamentos de outras pessoas: padres, educadores, escritores etc....

A VIDA E SEUS PROBLEMAS

PROVÉRBIOS

- Quem chora, mana.
- Quem chega primeiro, bebe água limpa.
- Quem quer muito, traz de casa.
- Quem ri por último, ri melhor.
- Quem corre cansa, quem anda avança (ou alcança)
- Quem pode mais, chora menos.
- Quem canta seus males espanta.
- Quem gosta de conversa é camelô.
- Quem cochicha o rabo espicha.
- Quem tudo quer, tudo perde.
- Quem diz que sabe tudo, muitas vezes sabe nada.
- A rapadura é doce mas não é mole.
- A vida é dura para quem é mole.
- Água mole en pedra dura, tanto bate até que fura.
- Devagar se vai ao longe, devagar se chega lá.
- O apressado come quente e passa mal.
- Espera sentado que en pé cansa.
- Antes pingar do que secar.
- Cada qual no seu canto chora o seu tanto.
- A esperança é a última que morre.
- Cuido da vida que a morte é certa.
- Se a morte for descanso, prefiro viver cansado.
- Não chores, que a vida é luta renhida.
- Águas passadas não tocam moinho.
- Trabalhar hoje para comer amanhã.
- Não cuspir no prato em que comeu.
- Não ven de garfo que hoje é dia de sopa.
- Tem que ver em que nato se pode tirar lenha.
- O cavaco nunca cai longe do pau.
- Chorar o morto para ganhar o vivo.
- Balança o galho que eu cato as frutas.
- O seguro morreu de velho.
- Se espremer muito sai no meio dos dedos.
- O desconfiado nasceu morto.
- O desconfiado nunca caiu no buraco.
- Não pode facilitar nem com o irmão.
- Não confie em homens de cabelo branco, pois os canalhas também envelhecem.
- O dinheiro não traz felicidade (...mas como ajuda).
- O dinheiro não compra a saúde de ninguém.
- O diabo sempre caga no monte maior.
- Nem tudo o que reluz é ouro, nem tudo o que balança cai.

- Não é tudo que o olho vê que se pode apanhar.
- Se conselho fosse bom, ninguém dava, vendia.
- A desculpa do amarelão é a friagem.
- O bêbado cai pro lado que a cabeça pende.
- O dinheiro compra tudo, menos a morte.
- Jogar o verde para colher o maduro.
- Com açúcar até jiló.
- Muita trovoadas é sinal de pouca chuva.
- Sempre existe um chinelo velho para um pé cansado calçar.
- Tamanho não é documento.
- Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- Para quem gosta, cattinga é cheiro.
- Homem que chora, mulher que jura, mentira pura.
- Mudar de pau para cavaco.
- Quando voce ia com milho, eu já vinha com fubá.
- Um dia é da caça, o outro é do caçador.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- A união faz a força.
- Antes tarde do que nunca.
- Antes prevenir do que remediar.
- É apanhando que se aprende.
- O tempo é o melhor conselheiro.
- Direito tem quem anda direito.
- Quanto mais tem, mais quer.
- Querer é uma coisa, poder é outra.
- A pressa é inimiga da vagareza.
- Enquanto o diabo pisca o olho, você faz miséria.
- A saúde é a nossa maior fortuna.
- Promessa é dívida.
- Quem promete, cumpre.

DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

- Não sou parafuso, mas vivo apertado.
- Ninguém traz estrela na testa. Portanto, cuidado noço!
- Não esquente a cabeça se não derrete o chifre.
- Mini-saia é que nem cerca de arame: cerca o terreno mas não tapa a visão.
- Promessa é dívida, mas devagar eu chego.
- Quem gosta de mim sou eu.
- Quem foge da realidade tem medo de olhar de cara a cara e levar uma cuspidada no rosto.
- A vida é como uma sala de espetáculo: entra-se, vê-se e sai-se.
- Nasci na pelada e vivo na banguela.
- Nascermos para viver, vivermos para sofrer, sofreremos para morrer. Então, prá que viver?
- Vivendo e rodando é que vou aprendendo.
- A vida ensinou-me. Por isso sou um noço velho.
- A vida, por ser amarga, precisa ser adogada.
- Viva a vida enquanto a morte não chega.
- O mal passa mas deixa marca.
- Quanto mais conheço a humanidade, mais gosto de cachorro.
- Detesto a humanidade. Um dia confiei nela.
- Onde tu falastes, eu ganhei.
- Meu paraíso é meu lar.
- Meu tesouro está em casa.
- Sogra não é parente, é castigo.
- Pato e sogra não serve para sujar o carro da gente.

PENSAMENTOS

- A maior escada do mundo é a vida.
- Só fracassou quem tentou.
- Não há vitória sem luta.
- Intelligência também tem sua hora de burrice.
- Quanto maior o obstáculo, maior a vitória.
- Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
- De poeta, médico e louco, todos tem um pouco.
- No mundo não há lugar para os fracos.
- A convivência traz alegria ou decepção.
- Para quem fofoca, a vida já está cheia delas.
- Que adianta passar na escola se somos sempre reprovados da vida.
- Na estrada da vida não ha retorno.
- Quem ama as rosas, suporta os espinhos.
- A mentira acaba onde começa a verdade.
- Um segundo de mentira destrói 24 horas de verdade.
- Confie no futuro, nunca esquecendo o passado.
- Todos tem seu proço.
- Tenha confiança em si mesmo, que tudo se ajusta.
- Nasci para sofrer, chorar para que?
- Quando recibes um pontapé por trás, sorria: é sinal que estas em frente.
- É muito bom ser importante, mas é mais importante ser bom.
- Quem não vive para servir, não serve para viver.

POBRE

PROVÉRBIOS

- Alegria do pobre é filho.
- Pobre come carne quando morde a língua.
- Pobre vive de teimoso.
- Rico correndo é atleta, pobre correndo é ladrão.
- Se trabalho enriquecesse, burro era milionário.
- O sol é para todos e a sombra para quem pode.
- Pobre, quando descansa, carrega pedras.
- A pimenta é a banha do pobre.
- Cálculo do pobre, pode contar, é prejuízo na certa.
- Se merda valesse dinheiro, pobre nascia sem cu.
- Mão de rico é fechado que nem cu de peixe: não entra nem água.

DIZIERS DE PARÁCHOQUES DE CAMINHÃO

- Rico anda de variant, pobre anda variando.
- Rico anda de chevotte, pobre anda de charrette.
- Praia do pobre é garola.
- Pobre como frango quando é golcero.
- Pobre sem dinheiro é cachorro na chuva.

PROVÉRBIOS

- Cachorro que late não morde.
- Quem não tem cachorro caça com gato.
- É preferível um cachorro amigo do que um amigo cachorro.
- Cada macaco no seu galho.
- Macaco velho não põe mão em cambuca.
- Cavalo dado não se repara idade.
- Praga de cavalo magro não pega em cavalo gordo.
- De grão em grão a galinha enche o papo.
- Em casa que mulher manda, até o galo canta fino.
- Gale no terreiro dos outros é galinha.
- Um ovo cozido é um pinto perdido.
- Uma andorinha não faz verão.
- Cada coruja gaba o seu toco.
- Quem pula de galho em galho, leva chumbo.
- Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- Lugar de esperar paca é na tria.
- O gavião quando canta no galho seco é sinal de chuva.
- Buraco velho tem cobra dentro.
- Quando um burro fala, o outro marcha as orelhas.
- Boca fechada não entra mosquito.
- O carro nunca pode andar na frente dos bois.
- É o cavalo manso que matou o patrão.
- Filho de peixe, peixinho é.

MULHER - AMOR - CASAMENTOPROVÉRBIOS

- Quem escolhe muito, fica escolhido.
- Mulher de bigode, nem o diabo pode.
- Em casa que mulher manda, até o galo canta fino.
- Casa sem mulher é fonte sem água.
- Mulher e cachaca em todo lugar se acha.
- Mulher de vizinho, para mim é homem.

DIZERES DE PARACHOQUES DE CAMINHÃO

- Homem sem mulher é igual a cachorro abandonado.
- Urubu e mulher feia, comigo é na pedrada.
- Mulher é como alça de caixão: quando um larga, outro pega.
- Mulher é como guarda-chuva: ao deixar num lugar, não precisa voltar, que outro já pegou.
- Mulher é como árvore: só dá galhos.
- Viúva é igual lenha verde: chora mas pega fogo.
- Mulher é igual ao mar: o homem vai na onda.
- Mulher é como sonho: nunca é o que sonhamos.
- Mulher é igual a estrada: se for boa demais é perigosa.
- A mulher nasce sorrindo, vive fingindo o outro trôndo.
- Com mulher e dinheiro, cuidado companheiro.
- Mulher e parafuso, comigo é na chave de fenda.
- Mulher feia é assombração.
- Feliz foi Adão que não teve sogra e nem caminhão.
- Mulher sem agarramento é igual a bolo sem fermento.
- Mulher feia eu não carrego porque o frete é barato.

- É capaz da água virar pó, mas a mulher não amar um homem só.
- Sopa e mulher, só quente.
- Vitamina de chofer é sorriso de mulher.
- Nas curvas do teu corpo tombei o meu coração.
- Deus fêz a mulher com muita delicadeza, com um corpo de boneca e o rosto de princesa.
- Deus fêz o homem sem corinônia, deu-lhe o corpo de palhaço e a cara de sem-vergonha.
- Não há médico que cure a dor de saudade.
- Quem planta amor colhe saudade.
- Com a distância aumenta a saudade.
- O que os olhos não vêem, coração não sente.
- Beijo é igual a cachaça: não mata a sede mas vicia.
- Boca que não merece beijo, pineta nela.
- Namoro sem beijo é igual a encarrão sem queijo.
- Se o casamento fosse bom, não precisava de testemunhas.
- O amor deseja tudo mas se satisfaz com qualquer coisa.
- No baralho da vida só encontrei uma dama.

PENSAMENTOS

- A riqueza de um homem é o carinho de uma mulher sincera.
- A mulher é a chave que Deus fêz para abrir os corações dos homens.
- A mulher é um instrumento que o homem usa para atravessar o deserto da vida.
- A mulher formosa agrada aos olhos. A mulher boa agrada ao coração. A primeira é uma joia, a segunda é um tesouro.
- Paixão é fogo de palha.
- A recordação é como a música: toca no presente as coisas do passado.
- A saudade é um sino de bronze a badalar na catedral da recordação.
- É mais fácil a rosa deixar de ser flor do que o homem ser traidor.
- Para quem ama, longe torna-se perto.
- A linguagem do coração é universal. Para entendê-la só é preciso sensibilidade.
- O beijo é a expressão de um idioma universal.

AMIZADE

PROVÉRBIOS

- Quem fala dos outros, não sabe o que está fazendo.
- Quem não comunica, se trumbica.
- Antes só do que mal acompanhado.
- Quando um não quer, dois não brigam.
- Diz-me com quem andas e te direi quem es.
- É preferível um cachorro amigo do que um amigo cachorro.

PENSAMENTOS

- Para multiplicarmos a amizade é preciso dividi-la.
- Amigo não é aquele que dá a rosa, mas aquele que tira o espinho.
- Quando falar de mim, lembre-se do seu passado.
- Não faça aos outros aquilo que não queres que te façam.

RELIGIÃO

PROVÉRBIOS

- Tem mais Deus para dar do que o diabo para tirar.
- O diabo soube fazer a panela, mas não a tampa.
- Um olho para Deus e outro para o diabo.
- Fé em Deus e pé na tabua.
- Santo de casa não faz milagres.
- Lugar de esperar o padre é na igreja.
- Enquanto o diabo pisca o olho, você faz misérias.

PENSAMENTOS

- Cemitério está cheio de gente afoita.
- Por que orgulho se o futuro é a morte.
- Sou cego, surdo e mudo para o mundo.
- A fruta proibida tem melhor sabor.
- A felicidade está dentro de nós mesmos.
- O inferno é aqui mesmo.
- A fé remove montanhas.
- A tristeza é a ferrugem da alma.
- A terra cobrirá teu orgulho.
- Deus não falha. Nós é que falhamos.
- Se a cultura fosse sabedoria, Deus morava na biblioteca.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	1
1. O PLANO DE ESTUDO NA EFA DO BLEY	2
2. AS ETAPAS DO PLANO DE ESTUDO	3
3. O MONITOR e O PLANO DE ESTUDO	9
4. O ALUNO e O PLANO DE ESTUDO	13
5. OS PAIS E O PLANO DE ESTUDO	14
6. O CADERNO DA PROPRIEDADE	16
7. O CURRÍCULO e O PLANO DE ESTUDO	16
8. BREVE AVALIAÇÃO	17
9. O PLANEJAMENTO PARA O ANO DE 1977	17
10. OS QUESTIONÁRIOS	27
11. AS SÍNTESES	54